

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA

THAISE ARAÚJO FERREIRA

**AS TRANSFORMAÇÕES GEOHISTÓRICAS DAS ÁGUAS EM
CAMPINA GRANDE**

Campina Grande – PB

2016

THAISE ARAÚJO FERREIRA

**AS TRANSFORMAÇÕES GEOHISTÓRICAS DAS ÁGUAS EM
CAMPINA GRANDE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Unidade Acadêmica de
Geografia como requisito para obtenção do
título de Licenciado em Geografia, sob a
orientação do Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira
Carvalho.

**Campina Grande – PB
2016**

Dedico este trabalho à todos que fizeram parte da minha vida, que contribuíram direta ou indiretamente na minha formação até aqui, e me deram força para sempre continuar, porque “*a jornada de mil degraus começa com o primeiro passo*”.

Agradecimentos

Eu agradeço primeiramente a Deus por ter me dado a vida, e guiado meus passos até aqui, fazendo de mim a pessoa que sou, que superou várias barreiras, que encontrou de fato o caminho a qual sempre busquei.

Agradeço a família, meus pais por terem se sacrificado pagando por muitos anos meus estudos e me proporcionando sempre a melhor educação, e me fazendo a filha que sou, aos meus irmãos, que mesmo na “zueira” me ajudam como podem, e apesar dos pesares somos uma família.

Agradeço ao Saulo, meu namorado, companheiro e amigo, que está comigo desde o comecinho do curso, que acredita mais em mim que eu mesma, e me dá forças de sempre continuar, é realmente meu “porto seguro”.

Da infância e adolescência ficaram poucos amigos, mas o pouco são muitos, e agradeço a todos que contribuíram muito por minha caminhada até aqui.

Os amigos da universidade, que estão sempre comigo, sendo do curso ou não agradeço demais, a Luilton, Lívia (Baby), Polyanna e Letícia, por formarmos um quinteto tão unido, aos demais da turma 2012.1, dedicação e esforço, em especial aos que me apoiaram em tudo, Ivna, Tiago, Virgínia, e outros que não vou mencionar, e dos outros períodos que são tantos nomes que fica difícil mencionar todos sem esquecer de um nome, aos amigos de Arte e Mídia, a Duh, a Laiane e Layana, por fazerem parte de todo o processo, trazendo Artur e Abraão de brinde. A galera do ônibus de estudantes, que é sempre um apoiando o outro e tornamos todos muito amigos, Simone, Jocimar, Camila, Kiever, Denise e Denize, estamos sempre juntos.

Ao professor Luiz Eugênio, pela orientação, paciência, e esforço por fazermos uma pesquisa com todo esforço mesmo com tantas dificuldades e por se tornar além de professor um grande pai para os integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino, Meio Ambiente e Cidade (GEMAC).

Aos demais professores da Unidade, cada um contribuindo da melhor forma, especialmente a Lincoln, Thiago, Malta, Murilo, Angélica e Janaína.

Aos integrantes do GEMAC, que são das melhores recordações, proporcionamos juntos conhecimento e diversão, pela amizade e união, estão justos hoje, amanhã e sempre. E de brinde “ganhamos” Amanda, esposa de Eugênio, e grande amigas, e as

duas princesas do Gemac, Valentina e Liz. Aos que me ajudaram de fato na pesquisa agradeço de coração a Aline (Baiana), que foi minha salvação, a Luilton pela irmandade de um sempre ajudar ao outro, e a Ana Alcântara (Aninha), pela compreensão infinita.

Ao Pibid, que desde 2014 me proporcionou experiências incríveis, passei por três escolas e cada uma é uma emoção nova e diferente, assim agradeço a Jorismar pelo grande carinho, profissionalismo e amizade no período que trabalhamos juntos, e a Socorro, pela ajuda nos momentos difíceis e pela compreensão nesse período conturbado do TCC.

Enfim, a todos que sempre estiveram aí e me ajudaram como puderam, aqui vai o meu muito obrigada!!!

*"Mais do que máquinas precisamos de
humanidade.
Mais do que inteligência precisamos de
afeição e doçura.
Sem essas virtudes a vida será de violência
e tudo estará perdido."*

(Charles Chaplin)

Resumo

Durante muito tempo o passado ficou perdido pelo tempo, e as memórias construídas foram ficando esquecidas. Pesquisadores decidiram, então, ir à busca do passado para o entendimento do presente, e a Geografia Histórica está aqui como a ciência que torna isto possível, e os geógrafos tem uma maior contribuição nesse resgate das memórias. Com a cidade Campina Grande não foi diferente, a maior parte das memórias foram esquecidas. Este trabalho tem por objetivo de fazer o resgate geohistórico dos corpos d'água de Campina Grande. Para que isto fosse possível, discutimos sobre Geografia Histórica, sobre o que são memórias e passado do lugar, a partir de Abreu (2014), Pereira (2006), Erthal (2003). Como metodologia, buscamos documentos e quaisquer registros referentes à história de Campina Grande com ênfase nas águas da cidade, utilizando as memórias registradas para serem analisadas e estudadas. Por meio deste trabalho, resgatamos memórias relatadas por grandes autores do passado, mostrando o princípio da cidade com um pequeno riacho, as suas secas, a importância das alternativas de combate a ela, os reservatórios e sua importância no desenvolvimento da cidade, e os que eles representam para a população. Memórias ainda estão perdidas, umas podem se recuperar, outras não, mas também é importante que possamos recuperar a memória de cada dia.

Palavras chave: Geografia Histórica. Memória. Águas da Cidade. Açude Velho.

Abstract

For a long time the past was lost, and the built memories were being forgotten. Researchers then decided to go search the past to understand the present, and the Historical Geography is here as the science that makes this possible, and geographers have a bigger contribution in this rescue of memories. With the city Campina Grande was not different, most memories were forgotten. This work aims to make geo historical rescue of the water bodies of Campina Grande. To make this possible, we discussed about Historical Geography, what are memories and the past of the place, from Abreu (2014), Pereira (2006), Erthal (2003). As methodology, we sought documents and any records relating to the history of Campina Grande with emphasis on the water bodies of the city, using the registered memories to be analyzed and studied. Through this work, we rescued reported memories by great authors of the past, showing the beginning of the city with a small stream, its droughts, the importance of alternatives to combat it, the reservoirs and its importance in the development of the city, and what they represent for the population. Memories are still lost, some can be retrieved, others can't, but it is also important that we rescue the memory of every day.

Key words: Historical Geography. Memory. Water Bodies of the City. Velho Weir.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Livros utilizados na pesquisa.....	14
Figura 2: Mapa de Campina Grande de 1907.....	29
Figura 3: Mapa redesenhado de Campina Grande de 1907.....	30
Figura 4: Mapa de Campina Grande de 1918.....	32
Figura 5: Mapa redesenhado de Campina Grande de 1918.....	33
Figura 6: Açude Velho e “suas” fábricas.....	35
Figura 7: Mapa redesenhado de Campina Grande de 1943.....	37
Figura 8: Os agueiros de Campina.....	46
Figura 9: Açude Velho.....	47
Figura 10: Inauguração do cais do Açude Velho.....	48
Figura 11: Açude Velho na década de 1950.....	49
Figura 12: Açude Novo.....	50

SUMÁRIO

Introdução.....	11
1. Geografia histórica como base para o presente.....	16
2. Mapas como ferramenta para o resgate da geohistória das águas em Campina Grande.....	26
2.1 As águas nos documentos cartográficos de Campina Grande.....	28
3. As transformações geohistóricas das águas de Campina Grande.....	40
3.1 O surgimento de Campina Grande: a água como fator primordial.....	40
3.2 Campina em tempo de “seca”	42
3.3 Açudes, riachos e agueiros: as alternativas de combate à seca.....	45
Considerações finais.....	54
Referências bibliográficas.....	56

INTRODUÇÃO

O crescimento desordenado das cidades brasileiras, devido ao processo de urbanização acelerada, implicou numa grande falta de planejamento, que trouxe consigo mudanças significativas no espaço, e grandes alterações na paisagem, principalmente a urbana, passando a fazer parte do cotidiano a negação da cidade.

As pessoas, geralmente, tendem a reprimir o passado. Por muitas vezes, o passado, sendo ele rústico, "ultrapassado", antigo, sendo que ele é ponto de partida para o futuro, e também para o que hoje é presente.

O objetivo do trabalho é fazer o resgate geohistórico dos corpos d'água em Campina Grande. A princípio tínhamos o desejo de fazer este resgate com o riacho das piabas, porém devido a escassez de referenciais, foi preciso ampliar a abordagem para incluir todos os registros que tratam da questão dos corpos d'água em Campina Grande ao longo de sua história. Nesses registros ficou evidente mais menções aos açudes da cidade.

O trabalho surgiu de estudos realizados no Grupo de pesquisa e estudo sobre Ensino, Meio Ambiente e Cidade (GEMAC), orientado pelo professor Dr. Luiz Eugênio, com a preocupação de resgatar o passado da cidade ligando a temática de Rios Urbanos, que está tão em falta no país e em nossa cidade também.

Um fato de muita importância enfatizar, é que no Brasil conhecemos muito pouco sobre a história dos lugares e nossa "memória" espacial, e esta vem sendo despertada ao estudo a pouco tempo, e a nossa maior dificuldade se encontra na falta de referencial para fomentar a pesquisa, e com o passar do tempo cada vez mais as memórias vão ficando esquecidas. Abreu (2014), nos traz no seu livro "Escritos sobre espaço e história", a grande necessidade que há, de se conservar a "memória urbana".

Atualmente, se tem buscado o conhecimento do passado das cidades no Brasil, e não apenas no âmbito do conhecimento, mas principalmente no que se volta a preservação e restauração dessas memórias. Uma das maiores contribuições está nas mãos dos geógrafos, podemos unir seus conhecimentos geográficos e unir com a parte histórica, trazendo a Geografia Histórica como um dos temas principais do trabalho, o resgate das memórias de um lugar.

A nossa discussão sobre memória está voltada no ponto em que ela é um item fundamental para a identidade do lugar, este, conceito chave para a geografia, simboliza também, as marcas da história.

Segundo Halbwachs (1990:92), como traz Abreu (2014), a memória coletiva parte do pensamento ininterrupto, que mantém do passado apenas aquilo que ainda permanece vivo, algo que continue fazendo parte da paisagem urbana e se mantém vivo no lugar.

Com base na proposta de estudo, um riacho se caracteriza como algo que ainda permanece vivo, mesmo negado pela "cidade" continua fazendo parte da paisagem urbana e tem uma grande marca histórica. Mesmo sendo um marco para a cidade e ainda presente na paisagem urbana de Campina Grande, parece haver ainda um movimento de pouca valorização pela sociedade dos corpos d'água. Afinal, a cidade não é só construção de cimento, é também o perfil geomorfológico elaborado pelo processo de drenagem das águas. Para nós se faz importante ressaltar que o que se é visto na cidade acaba sendo melhor cuidado, aquilo que a cidade não vê, acaba sendo rejeitado.

Assim, parece-nos importante ressaltar o debate trazido por Carvalho (2011), baseado em Swyngedouw (2009), ao analisar a cidade como híbrido. Esse hibridismo entre sociedade e natureza, mas também entre materialidade e representação.

Não há nada “puramente” social ou natural na cidade, e ainda menos antissocial ou antinatural; a cidade é, ao mesmo tempo, natural e social, real e fictícia. Na cidade, sociedade e natureza, representação e ser são inseparáveis, mutuamente integrados, infinitamente ligados e simultâneos; essa “coisa” híbrida sacionatural chamada “cidade” é cheia de contradições, tensões e conflitos. (SWYNGEDOUW, 2009 *apud* CARVALHO, 2011 p.44)

A sociedade e a natureza são um só, inseparáveis, simultâneos, cabendo ressaltar dentro da ideia de cidade como híbrido o que o mesmo autor traz como intangibilidade, questionando “a sua aplicabilidade em ambientes urbanos, pelo caráter híbrido que destacamos deste espaço, a intangibilidade dos elementos naturais coloca a sociedade como o mal que provocará a despurificação da natureza, que deve ser por isso conservada virgem”.

Com a ideia de que um objeto, um bem natural, entre outros, há uma maior preocupação com este a partir do momento que ele passa a ser visto com outros olhos, tem uma representação para a cidade e seus habitantes, como o que acontece com o Açude Velho, cartão postal de Campina Grande.

O Riacho das Piabas, assim como outros rios urbanos presentes no Brasil, não é visto como um corpo d'água, devido ao uso dele para o despejo de resíduos sólidos, esgoto, o poluindo bastante, e com o passar dos tempos, estes mananciais foram negados pela cidade, chamados de canais, devido a alteração morfológica realizada pelo homem, no intuito da drenagem urbana.

A canalização é uma das formas de alteração que mais vemos em nosso dia a dia, pois está presente no meio urbano que convivemos, porém, essa é uma prática antiga, vinda da Europa, que altera não somente a morfologia do corpo hídrico, mas também na forma com que a sociedade o enxerga. Sobre a canalização, Carvalho (2011) mostra que:

O modelo clássico de intervenção nos corpos d'água no espaço urbano parte sempre da utilização de obras de canalização (ações estruturais), com pouca reflexão, por exemplo, sobre o disciplinamento do uso do solo em áreas que ainda apresentam baixa densidade de ocupação (ações não-estruturais). Além disso, essas ações têm tendência de negligenciar o funcionamento das bacias hidrográficas, desprezando contensões metodológicas essenciais para a intervenção em cursos d'água. (CARVALHO, 2011, p. 26)

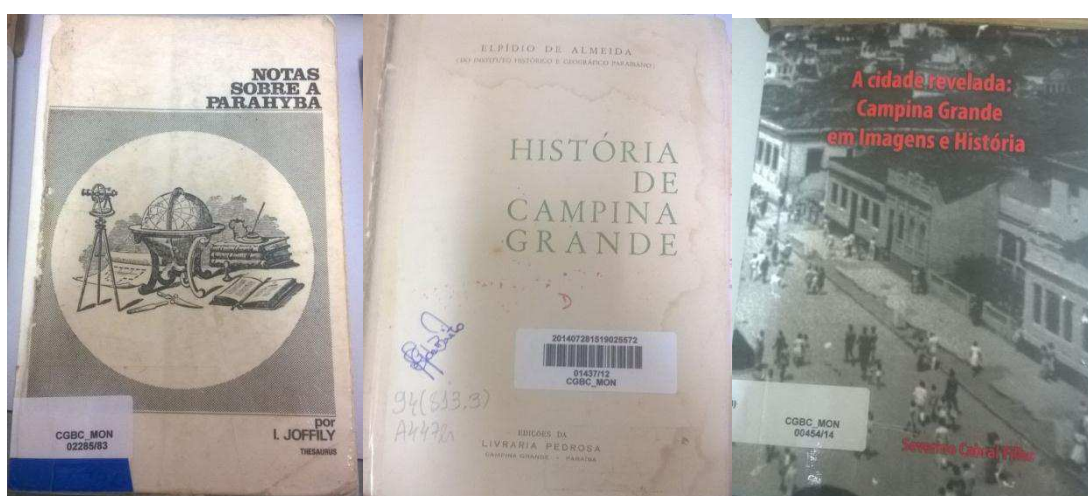
Partindo dessa citação, podemos analisar que, essa prática de canalização nunca respeita o lugar do rio, tendem a querer pensar no “melhor” para a população, mas acabam prejudicando ambos, um rio ou riacho, sempre contribuiu para a permanência do homem no território conquistado, pois toda pessoa tem necessidade de água para viver e sobreviver, mas com o passar do tempo, seu uso foi modificado, deixando de ser rio para ser despejo de esgoto.

Embora a canalização em Campina seja um tanto recente, podemos ver o quanto esta prática não fez bem para a cidade, pois os riachos que por tantos anos socorreram a população com água, hoje estão todos poluídos, e passando a serem chamados de canais de esgoto, e a população sofrendo com a falta d'água devido a grande estiagem, e não tem mais as águas dos seus riachos e açudes para poder utilizar.

Como metodologia, o trabalho foi desenvolvido através da busca de documentos e quaisquer registros referentes à história de Campina Grande, com ênfase nas águas de Campina, que é o intuito da pesquisa fazer o resgate histórico, utilizando o máximo encontrado de memórias que possam ser estudadas e analisadas, conforme o proposto. Esses documentos são basicamente livros, imagens, mapas, ou outras obras que trazem consigo a história da cidade e seu envolvimento com os corpos hídricos da mesma. Os materiais escritos e livros que utilizamos foram: das dissertações de Mestrado

“Caminhos na Resistência – O Espaço de Recife Durante a Ocupação Neerlandesa (1630-1637) em Pernambuco (Brasil)”, e “Quem te vê não te conhece mais: Arquitetura e Cidade De Campina Grande Em Transformação (1930-1950)”, dos autores, “Sidclay Cordeiro Pereira” e “Marcus Vinicius Dantas de Queiroz”, respectivamente. E os livros foram: “Notas sobre a Parahyba” por Irenêo Joffily, “História de Campina Grande” por Elpídio de Almeida, “A cidade revelada: Campina Grande em Imagens e História” por Severino Cabral Filho, e “Campina Grande hoje e amanhã” por Antônio Guedes Rangel Júnior (org.).

Figura 1 - Livros Utilizados na pesquisa



Para finalizar este primeiro momento do trabalho, apresentamos a forma em que o texto foi estruturado. Além desta Introdução e das Considerações Finais, esta monografia é composta por três capítulos. No Capítulo 1, fazemos a discussão teórica sobre a Geografia Histórica, seus conceitos, suas diretrizes e suas abordagens, a importância de seus estudos e o seu esquecimento pelos pesquisadores.

No Capítulo 2, iniciamos a análise da geografia histórica das águas em Campina Grande. O debate aqui apresentado é baseado na análise de documentos cartográficos. Trazemos a importância dos mapas como ferramentas utilizadas para esse resgate histórico, através da análise das discussões e dos mapas encontrados para fundamentar o resgate.

No Capítulo 3, trazemos o resgate geohistórico partindo de obras escritas por autores sobre a história de Campina Grande, trazendo consigo, as águas da cidade,

sendo estas fatores primordiais para o seu início e desenvolvimento, urbano, econômico e social.

CAPÍTULO 1

A GEOGRAFIA HISTÓRICA COMO A BASE PARA O PRESENTE

Neste capítulo, trazemos a discussão teórica sobre a Geografia Histórica, esta que fundamenta a pesquisa sendo de tamanha importância para que se possa fazer o resgate geohistórico das memórias da cidade.

Há a necessidade de entender como a Geografia desempenha o papel de resgate da memória; compreender a evolução das técnicas de alteração da morfologia dos rios urbanos, só assim podemos identificar as transformações geohistóricas que deixaram suas "marcas" no tempo de Campina Grande e seus corpos d'água.

A Geografia Histórica é a ramificação da Geografia que se debruça em analisar o espaço geográfico através do tempo, fazendo a união entre duas ciências importantíssimas, a Geografia e a História, a partir do estudo das memórias, no resgate do passado.

Por muito tempo a Geografia Histórica ficou esquecida dos nossos estudos da Geografia, as características do espaço, paisagem e lugar marcados no tempo, foram ficando em esquecimento, nós não conhecemos o nosso passado, e conseqüentemente perdemos a noção de ligação que o presente tem com esse passado. E a Geografia é a ciência que de fato tem muito a contribuir com a restauração da memória das cidades.

A situação que temos hoje é muito diferente, como Abreu (2014) afirma, que [...]O passado das cidades brasileiras está sendo revalorizado e a preservação/recuperação/restauração do que sobrou das paisagens urbanas anteriores é um objetivo que vem sendo perseguido por inúmeros agentes, [...] (ABREU, 2014, p.32).

Essa preservação/recuperação/restauração, parte de vários pontos, seja através de tombamentos, resgate de imagens, de documentos oficiais, em jornais, em livros, etc., hoje, tem-se preocupado muito, nessa restauração a partir de novos trabalho, fazendo essa recuperação de documentos, preservando o passado que é nosso.

O passado sempre vai ser o suporte para a Geografia Histórica, e como Abreu (2014) fala também “o passado é a dimensão mais importante da singularidade”, e ele se materializa na paisagem, talvez nem tudo do passado, mas ele está lá no que o autor

chama de “instituições de memória”, ou permanecendo vivo até hoje em nossa cultura, fazendo parte do nosso cotidiano.

As sociedades atuais estão passando a ser, o que Nora (1984) *apud* por Abreu (2014) traz como “síndrome arquivista”, e que agora o resgate do passado não é apenas mais desafio dos historiadores, mas também de nós geógrafos, que podemos contribuir bastante com as pesquisas de análise do espaço geográfico e perceber as mudanças, e agora vamos reconhecer o passado, a história, como base para o que existe hoje no presente.

A Geografia Histórica nos ajuda a compreender as mudanças geográficas da área de estudo através do tempo, e os seus trabalhos direcionados às cidade limitou-se bastante na remontagem de antigas formas, tomando como resultado, grandes trabalhos de suma importância, principalmente aos estudiosos da cidade, em que é possível se recuperar como evoluiu as cidades, entender melhor o processo de transição do que era rural para o urbano, entre outras coisas importantes que Abreu (2014) traz:

[...] Consegue-se também exumar do esquecimento os antigos referenciais urbanos do passado, sejam eles as muralhas antigas, os caminhos e edificações desaparecidos, as antigas linhas do litoral, etc. Consegue-se resgatar, enfim, as antigas paisagens da cidade. (ABREU, 2014, p. 48)

Temos que ter a percepção de que não devemos parar por aqui, a contribuição da Geografia vai muito mais além. E como Santos (1994) *apud* por Abreu (2014) diz, o maior desafio da geografia está em "empiricizar o tempo", que em termos mais simples é tornar o tempo material, porque "sem torná-lo material, não conseguimos geografizar o tempo" (op. cit.).

Segundo o autor, a melhor representação dessa materialização é a morfologia do lugar, que sempre estão presentes nas análises geográficas, porém essas formas não são as únicas de interesse da Geografia, essa empiricização também é feita com as formas geográficas. E mais uma vez, Santos (1994) *apud* Abreu (2014), no qual ele mostra que as formas geográficas se materializam de acordo com a apresentação de um conjunto de normas ou formas sociais e jurídicas, sendo assim então, uma forma não espacial que é a base para as morfológicas. Uma precisa da outra para ser compreendida.

Como estamos discutindo a cidade, o ponto de partida como traz o autor, está na recuperação do "tempo do lugar", que seria:

[...] o conjunto de temporalidades próprias a cada ponto do espaço [que] não é dado por uma técnica, tomada isoladamente, mas pelo conjunto de técnicas [amplamente definidas] existentes na naquele ponto do espaço [naquele momento do tempo (SANTOS *apud* ABREU, 2014, p. 49)

Essa tarefa se configura em mais um desafio para a Geografia, que necessita para ser explicada da definição de conceitos e variáveis, que vai permitir que se faça o resgate do tempo, com a preocupação de que cada conceito e variável esteja inerente ao outro, pois estão simbolicamente ligados.

Segundo Pereira (2006), não devemos centrar nossos trabalhos apenas no que está materializado hoje, até porque, ela parte de eventos ocorridos no passando.

Por vezes as Geografia no que se pode ver ou mensurar, tratando apenas da realidade que se encontra materializada atualmente, porém, como atesta Abreu (1997, pág.240) "para se analisar o espaço geográfico não basta desvendar as suas múltiplas dimensões atuais. Há que investigar também o processo histórico que deu origem, pois aí estão muitas vezes os segredos da sua boa interpretação". (PEREIRA, 2006, p.18)

Então como expõe Abreu (1997) *apud* Pereira (2006), de fato, o passado proporciona a compreensão do presente, visto que o presente é uma construção de acontecimentos históricos, sociais, políticos, que se materializaram ou não na paisagem.

Para Erthal (2003) "se a geografia se coloca associada a um campo de conhecimento preocupado com a dimensão espacial da sociedade, não se deve esquecer que os fenômenos sociais são, também, temporais" (ERTHAL, 2003, p 30). Sendo assim, a discussão temporal, se fundamenta nas análises históricas, e o mesmo autor traz a ideia que:

Neste sentido, papel fundamental deve ser dado à chamada geografia histórica que, inclusive, além de se preocupar em recuperar as espacialidades pretéritas que marcam as espacialidades atuais, busca metodologias apropriadas e esforça-se em refletir a categoria tempo, a fim de fornecer subsídios à abordagem espacial e temporal. (ERTHAL, 2003, p 30)

Para este autor a Geografia Histórica é de fato muito importante, pois além de se voltar a estudos do passado, para que se aconteça um resgate histórico, ela enfatiza sobre a preocupação de se recuperar as transformações das espacialidades dos tempos de hoje, porque o hoje também será passado.

As discussões sobre o que de fato seria a Geografia Histórica diverge um pouco de autor para autor, cada um leva em consideração a sua escola, e o emprego que se dá a esta área de estudo, e Erthal (2003) nos fala que:

A geografia histórica, muitas vezes, tem sido confundida com história da geografia e, em função de falta de uma definição mais precisa, apresenta uma imensa gama de definições como geografia do passado, paisagem em mudança, o passado no presente. (ERTHAL, 2003, p 31)

O trabalho de conceituação da Geografia Histórica, é de fato, um pouco árduo, e talvez seja difícil porque foi deixada de lado pela maioria dos pesquisadores, e estes não buscaram formas de compreensão de seu passado. Engana-se muito, quem compreende essa ciência como o que autores dizem ser “a reconstrução das geografias do passado”, esta generalização faz com que a Geografia Histórica passasse de ciência, para um método qualquer de análise.

Silva (2007) nos traz as passagens da Geografia Histórica a partir de três fontes, a primeira na Geo-história de Fernand Braudel; a segunda na Geografia Histórica anglo-saxã; e por último uma abordagem cultural na geografia. E para uma breve discussão, pontuarei cada um de forma simples.

Na Geo-história de Fernand Braudel, Silva (2007), afirma que “o centro da geografia histórica busca resolver é o da delimitação temporal e espacial do fenômeno estudado, destacando os tempos longos, intermediários e curtos”.

O tempo curto, ou tempo breve, dos acontecimentos, busca situar os indivíduos e os eventos num contexto. O segundo tempo, o tempo social, é o tempo das estruturas ou seja, dos sistemas econômicos, dos estados e das sociedades, que ocorre mais lentamente, ou seja, no tempo de gerações e mesmo de séculos, mas que podem também ser carregados pela corrente da história, conforme destacou Braudel (Braudel,1996). Para ele, o coração do problema da história está no tempo longo, de “uma história quase imóvel” lenta, e feita de retornos insistentes, que ele denominou de Geo-história. Nessa perspectiva pluri-temporal, o único problema a ser resolvido na pesquisa, seria demonstrar que o tempo avança com diferentes velocidades. (SILVA, 2007, p.71)

Silva (2007) entra num tocante importante para a pesquisa, que é o estudo do passado, um dos principais conceitos para os trabalhos da geografia histórica:

Braudel nos ensina que entre o passado, mesmo o mais longínquo e o presente, não existe descontinuidade. Se antes do século XV, as civilizações eram realidades à parte, a unificação do mundo em função da expansão capitalista a partir do século XV não significou uma ruptura histórica, mas a necessidade do uso das diversas escalas de tempo e espaço na análise de um fenômeno particular. (SILVA, 2007, p.72)

O passado por não ter essa descontinuidade, faz com que a pesquisa não se perca em meio as escalas de tempo e espaço na análise do fenômeno a ser estudado.

Para a Geografia Histórica anglo-saxã, Silva (2007) aponta os estudos de Butlin (1993) no qual este fala de “uma historiografia da geografia histórica, considerando-a como uma disciplina complexa e de muitas faces”.

Na Inglaterra, no século XIX, a geografia histórica era ensinada nas universidades por historiadores. A ênfase era no cenário geográfico por trás da história, com mapas e atlas sendo importantes auxílios às explicações. Essa produtiva associação, por sua vez, não foi suficiente para o estabelecimento da geografia enquanto disciplina acadêmica no século XIX. Depois de instituída academicamente, a ciência geográfica passou a negligenciar o tempo e, durante o século XX, prevaleceram as análises regionais e espaciais. (SILVA, 2007, p. 76)

Nesta citação percebemos o quão a história era levada mais em consideração que a própria geografia, sendo que as duas deviam trabalhar juntas, unindo o entendimento histórico com as análises sobre o espaço geográfico.

Porém, quando Silva (2007) traz Norton (1984), temos uma compreensão mais ampla acerca da Geografia Histórica:

Para Norton (1984:30), o que distingue a geografia histórica da história propriamente é que, do ponto de vista da periodização, não há para a geografia histórica uma divisão lógica entre passado e presente, sendo a tarefa do geógrafo histórico não apenas descrever sobre as mudanças na paisagem, mas compreender a mudança histórica do fenômeno geográfico. (SILVA, 2007, p. 76)

E é, de fato o que buscamos com a pesquisa, não é apenas descrever quais forma as mudanças ocorridas na paisagem, mas sim compreender a mudança histórica que está presente no fenômeno geográfico.

Na abordagem cultural na Geografia, Silva (2007) fala que “o conceito de cultura é utilizado nos estudos que privilegiam as mudanças no tempo”. Trazendo um dos maiores nomes da abordagem cultural na Geografia, Carl Sauer, assim:

[...]os trabalhos pioneiros de Sauer lançaram as bases para o desenvolvimento de estudos de paisagem através da ênfase na cultura enquanto agente da mudança da paisagem natural para a paisagem cultural. Ele trouxe para a geografia o conceito de cultura, tradicionalmente utilizado por antropólogos e etnógrafos, aproximando a geografia da antropologia, dando ao passado histórico uma dinâmica ao focalizar os estudos das mudanças. Tal enfoque, por sua vez, influenciou Darby, na Inglaterra, a construir o método do corte temporal transversal sucessivo, que passou a ser empregado e aperfeiçoado nos estudos de geografia histórica no mundo todo, com destaque para o Japão. (SILVA, 2007, p.78)

A maior contribuição para este trabalho, está quando a cultura dá ao passado histórico uma outra dinâmica, que é de seu foco estar voltado aos estudos das

mudanças, associando ao estudo que aqui se faz de Campina Grande, é de fato, ligado a este ponto, estudo o que realmente mudou.

Darby (1962) *apud* Pereira (2006), em que este mostra que a Geografia Histórica adquire dois sentidos, um se pauta na construção de uma Geografia do passado, e o outro a partir das transformações geográficas através do tempo, talvez façamos um pouco dos dois, estudar o passado, e ver as transformações geográficas ocorridas através do tempo no Riacho das Piabas.

Analisando o espaço mais geral, outro autor citando por Pereira (2006), Soja (1993) aponta a Geografia Histórica numa abordagem ligada a uma “paisagem capitalista, principalmente urbana e sua reestruturação” (SOJA 1993, *apud* PEREIRA, 2006 p.24) e que de fato deve ser mencionado, pois as transformações das cidades, partem das mudanças através do capitalismo, e como estamos trabalhando com as transformações ocorridas no meio urbano em Campina Grande, esta posição também deve ser considerada.

Segundo Santos (1988) *apud* Pereira (2006), ainda temos a questão de outras abordagens, que o próprio Santos chama de operacional, diz que o espaço é formado por dois componentes, que agem mutualmente, que são a configuração territorial e a dinâmica social, a configuração territorial se caracteriza por um conjunto de dados naturais, que são modificados pela ação antrópica, através de chamados “sistemas de engenharias” que acontecem de forma sucessiva, já a dinâmica social se caracteriza como as relações que acontecem na sociedade em um dado momento.

Esta questão se refere na influencia que se dá diretamente no território e na paisagem, que no caso, o sistema de engenharia, é o que deixa objetos concretos nos mesmos. O que também devemos perceber, é que, os eventos que acontecem em determinado lugar no dado momento não se apagam da história nos períodos posteriores, porém o próprio Pereira (2006) afirma que nós precisamos ir buscar novos meios e instrumentos de trabalho, pelo fato de que as sociedades e suas relações mudam.

A Geografia Histórica seria um meio para atingir esse fim, a geografia partindo desta análise das mudanças ocorridas na sociedade, e a história no tocante do desenrolar destas mudanças ao logo do tempo histórico.

O estudo da cidade se faz muito necessário neste contexto, visto que assim como a Geografia Histórica, as cidades não vinham sendo estudadas como deveriam, e Abreu (2014) fala de como Monbeig tratava esse assunto, e para ele “a cidade possuía uma ‘alma’, e cabia ao geógrafo a tarefa de desvendá-la.

Como método, a Geografia Histórica parte do estudo das memórias, como já mencionado no trabalho, a memória é:

Memória, como já sabemos, é uma categoria biológico-psicológica que diz respeito à capacidade de armazenagem e conservação de informações. Não é neste sentido, entretanto, que pretendemos enfocá-la [...]. O que nos interessa aqui é discutir a memória como um elemento essencial da identidade de um lugar (ABREU, 2014, p. 33).

A memória sendo então ligada a capacidade de armazenamento possui duas dimensões para análise e estudo, que é memória individual e memória coletiva, que contribuem inteiramente para que se possa resgatar a memória das cidades, e uma depende da outra para ser discutida.

A memória individual está relacionada com as lembranças das pessoas, e tem uma importância fundamental no que se trata de resgatar a identidade dos lugares, e não é por menos, que alguns autores trazem que, no Brasil tem se difundido muito, técnicas de resgate da memória, como “histórias orais” e “memórias de velhos”.

Carregamos a memória individual conosco todos dias, porque estamos produzindo memórias a todo tempo, e também estamos vendo as transformação do nosso espaço geográfico sempre, que vai se modificando a partir de nossas necessidades ou não, e elas ficam armazenadas em nossas mentes, porém, se não houver registros, elas também irão ficando esquecidas, e como Abreu (2014) também, devemos nos ponderar quanto a memória individual.

Há que se ter cuidado, entretanto, com a memória individual já que por definição, ela é subjetiva. Isto quer dizer que fazemos da nossa memória o que bem queremos. (ABREU, 2014, p. 35)

A memória individual, ela além de que pode ser moldada a partir do que se necessita dela, ela é mais fácil de se perder no tempo, visto que elas estão mais presentes na memória das pessoas, e se essas não registram, elas morrem e levam as lembranças com elas. Neste ponto Abreu (2014) traz que “é uma pena que essas técnicas de resgate da memória individual só agora tenha se popularizado. Quantas memórias de pessoas, que viveram importantes acontecimentos de uma cidade, perderam-se no tempo” (ABREU, 2014, p.35).

Esta dimensão da memória é então muito fluida, sem obedecer escalas, o espaço nessa memória não é um espaço euclidiano, podendo também, ser muito mais topológico que geográfico, mas não deixa de ser importante. Porém se ressalta o cuidado de se trabalhar com a memória individual, por ser mais subjetiva, esta tem um caráter mais para estudos da geografia comportamental ou até mesmo humanística, mas quando trabalhamos com o resgate da memória das cidade não tem tanto valor.

Já com a memória coletiva é diferente, visto que essas são mais fáceis de serem registradas e segundo Abreu (2014):

As memórias coletivas se eternizam muito mais em registros, em documentos, do que formas materiais inscritas na paisagem. São esses documentos que, ao transformar a memória coletiva em memória histórica, preservam a memória das cidades. São eles também que permitem que possamos contextualizar os testemunhos do passado que restaram da paisagem. (ABREU, 2014, p.37)

A memória coletiva é mais próxima daquilo que estamos buscando com nosso trabalho, fazer esse resgate, a partir de documentos históricos sobre as transformações de Campina Grande, mais especificadamente sobre o Riacho das Piabas, e a contribuição é imensa, quando pensamos no futuro, e de como estas memórias não serão esquecidas, como devemos sempre registrar e preservar nosso passado, e consequentemente a memória das cidades.

E a partir da recuperação dessas memórias podemos garantir que a identidade do lugar nos pertença tanto hoje, no presente, quantos para as gerações futuras, o mesmo autor nos fala da grande importância da recuperação das memórias das cidades, e da sua relação direta com a preservação da identidade, sendo assim ele traz que.

É através da recuperação das memórias coletivas que sobraram do passado (estejam elas materializadas no espaço ou em documentos), e da preocupação constante em registrar as memórias coletivas que ainda estão vivas no cotidiano atual da cidade (muitas das quais certamente fadadas ao desaparecimento) que podemos resgatar muito do passado, eternizar o presente, e garantir às gerações futuras um lastro de memória importante para a sua identidade. (ABREU, 2014, p.40)

Aqui temos duas coisas fundamentais para este trabalho, que é através da recuperação daquilo que sobrou do passado, com documentos, e outros registros, e do que ainda continua fazendo parte do cotidiano das cidades na atualidade, o riacho fazendo então parte do passado e estando presente ainda hoje no nosso cotidiano, ressalta esta ideia da memória coletiva.

Falando sobre a Memória das Cidades, o autor nos mostra como a podemos definir, e “[...] se dizem respeito ao estoque de lembranças que estão eternizadas na paisagem ou nos registros de um determinado lugar, lembranças essas que são agora objeto de reaproximação por parte das sociedades.” (ABREU, 2014, p.43). Essas lembranças que estão tanto expressas na paisagem como em vários documentos, mesmo assim foram ficando esquecidas.

O autor, dentro desta discussão sobre memória das cidades, nos mostra que é fundamental que não nos limitemos em apenas resgatar o que ficou materializado através dos tempos, mas também devemos buscar o resgate daquilo que não deixou marca alguma na paisagem, aqui entra a parte das instituições de memória, que podem desempenhar um papel fundamental neste resgate.

Fazemos a mesma pergunta, então que Abreu (2014) nos faz, será que é possível recuperar a memória de uma cidade?

Temos dois grande impasses nesta discussão, pois podemos recuperar tudo aquilo que é possível e ficou registrado através das memórias coletivas, mas muita memória se perdeu no tempo, o pesquisador vai ter que unir os com vários fragmentos, contudo isso não quer dizer que não podemos recuperar a memória desta cidade.

Neste momento podemos falar de mais outro embate, que está na diferenciação entre memória e história, que é importante para a pesquisa, em que como já discutido, a memória é mais subjetiva, seja ela a individual ou coletiva, e podemos só lembrar aquilo que nos interessa, ela se torna muito seletiva, parcial, deixando lacunas, e pode ser manipulada de várias formas. Já a história parte da objetividade, nunca chegando na totalidade necessária, mas se aproxima mais do que a memória.

Dentro desse contexto, Lowenthal (1985 *apud* Abreu, 2014), apontando que “o passado é um país passageiro, um país que nunca conseguiremos conhecer completamente”, assim como já dito, buscando a partir da história, de fatos históricos, mas não conhecemos o passado integralmente, e também o passado não é neutro, e sempre traz consigo os vestígios de quem o produziu. Por isso o cuidado que devemos ter com o estudo do passado é realmente importante.

Contudo, se apenas resgatarmos o passado, e o nosso presente não for registrado e quando este se retornar passado também, e não houver nada para se discutir analisar e

estudar, o trabalho se torna em vão, porque estamos construindo memórias todos os dias, como traz Abreu (2014):

Não basta entretanto resgatar o passado, A memória das cidades está sendo produzida a cada dia. Por isso, temos também que estar atentos ao presente, e preocuparmos- nos sempre em registrar as memórias coletivas que ainda estão vivas no cotidiano atual da cidade. (ABREU, 2014, p.51)

Tanto pesquisadores, como a própria sociedade, deve desde sempre preservar as suas memórias, visto que o presente hoje, vai ser o passado do amanhã, e futuramente outras pessoas irão pesquisar as transformações geohistóricas ocorridas nestes lugares.

Diante disso, o próximo capítulo irá tratar sobre a busca do resgate da memória através dos mapas, tomando por base duas dissertações, mostrando a importância desta ferramenta ao longo da história, a sua importância no passado como ferramenta de espacialização do território e instrumento de poder das autoridades, e hoje como ferramenta de resgate desde mesmo passado, trazendo as transformações dos lugares.

CAPÍTULO 2

MAPAS COMO FERRAMENTA PARA O RESGATE DA GEOHISTÓRIA DAS ÁGUAS EM CAMPINA GRANDE

Neste capítulo abordamos as questões referentes aos documentos cartográficos de Campina Grande, buscando fazer o resgate geohistórico das águas da cidade, enfatizando como é importante um mapa para que se possa

No campo da pesquisa, temos diversas ferramentas em que podemos fundamentar os nossos trabalhos, mas quando partimos para a análise do passado, estes vão ficando mais escassos, e muitas vezes acabam ficando perdidos ao longo da história, antes que pudessem ser estudados.

Os mapas, para nós geógrafos, é desde muito tempo uma ferramenta muito importante para diversos fins, seja para localização, especializar diversos aspectos, como também para o resgate histórico, compreendendo como o espaço era entendido naquela época, e percebendo através do tempo, como se deu as transformações do espaço ao longo desse tempo. Pereira (2006) traz a citação de Broek (1941), enfatizando esta importância:

O mapa é uma ferramenta, mas ao mesmo tempo é uma expressão de pensamento em sua área de distribuição, a importância do uso do solo em seu estabelecimento, as técnicas, os tipos de empreendimentos e outras idéias. (PEREIRA, 2006, p.27, *apud* BROEK, 1941, p.30)

A Geografia é uma ciência que busca sempre meios que possam explicar seus objetos de estudo de forma completa, e no caso dos mapas, estes adquirem o aspecto de serem mais precisos, isto dentro das técnicas de elaboração de mapas e cartas cartográficas, e dentro da história colocam-se as relações de poder e a perpetuação de conhecimento.

Segundo Harley (1988) *apud* Pereira (2006), “os mapas são uma ferramenta de conceber, articular e estruturar o mundo em ajustes particulares das relações sociais (Harley (1988) *apud* Pereira (2006), p.27).” Sendo assim, de fato, esse instrumento está a favor das relações de poder.

Os mapas desde sempre foram importantes, seja para as nações à procura do conhecimento de seus territórios, para as guerras, ou do território do inimigo, sabendo

da importância de saber sobre a geografia do território do inimigo facilitaria a vitória na batalha.

Os geógrafos sempre enfatizam muito sobre a importância da produção cartográfica, Abreu (2014) nos mostra que ela pode ser “um dos melhores meios para se esquematizar e dar a realidade uma reprodução num tempo exato e convincente”.

Abreu (2014) ainda fala sobre o que Monbeig apresenta sobre a importância das representações cartográficas:

[...]é digna de nota a atenção que Monbeig dá às representações cartográficas: “todo trabalho geográfico supõe o estabelecimento de mapas” [...]. Ciência empírica pautada na observação, a Geografia teria, com efeito, que dar atenção especial à sistematização das observações obtidas em campo, razão pela qual Monbeig não cansa de alertar para a importância do mapa[...]. (ABREU, 2014, p.67)

Compreendemos que, a partir disso, o registro feito apenas em livros, escritos ou anotações. O mapa entra neste ponto sendo uma ferramenta mais precisa, estando sempre configurada ao objeto de estudo e tomando base sobre aspectos necessários.

Este trabalho, que é um trabalho geográfico, também faz um resgate geohistórico a partir de análise e discussão sobre mapas, percebendo, principalmente, as mudanças ocorridas na área de estudo.

O mapa também é uma ferramenta geopolítica utilizada desde os primórdios, e é um dos poucos registros que se perpetuaram, o trabalho de um cartógrafo sempre reconhecido devido à complexidade de um mapa, que engloba localização, escala, representa o território e outras características.

Especificadamente, os mapas mais antigos no Brasil, foram mapas feitos com o intuito da ocupação, ou “invasão”, de outros países, querendo tomar as terras que eram da Corte portuguesa, assim como mostra Pereira (2006):

Tanto na Geografia política como na história do pensamento geográfico, a ligação entre mapas e poder é realizada com frequência, especialmente no período da História colonial. Nesse momento, o conhecimento do ambiente que estava se ocupando, principalmente, na América era fundamental para o exercício da pirataria e invasões que se sucediam. As rotas marítimas precisavam ser protegidas e, nessa conjuntura, o mapa ganhava uma importância ainda maior. O conhecimento que era gerado e transmitido contava com o sigilo, principalmente por ser utilizado para as práticas de poder. (PERREIRA, 2006, p. 28)

Ainda é importante ressaltar o que o mesmo autor indaga sobre Harley, em relação ao estudo dos mapas dentro de estudos históricos:

Aponta Harley [...] que os pesquisadores que se debruçam atualmente em mapas produzidos no passado, percebem que esses deixam de ser entendidos como registro inerte da morfologia das paisagens ou reflexões passivas dos objetos do mundo e são considerados como imagens refletidas contribuindo com o diálogo de um mundo social construído. (PERREIRA, 2006, p. 28)

E é partindo desse trecho que “são considerados como imagens refletidas contribuindo com o diálogo de um mundo social construído”, que se guia o nosso trabalho, o mundo não possui caráter estático, ele está a todo o momento se modificando, principalmente por construções sociais, a ação antrópica, o mapa pode ser estático, mas nos mostra como sempre foram feitas as modificações no espaço.

Neste capítulo, pretende-se analisar mapas de outros tempos de Campina grande e a representação das águas na cidade. Cabe ressaltar, no entanto a dificuldade de encontrar mapas produzidos em momentos antigos. A maior parte dos documentos cartográficos analisados foram elaborados por pesquisadores em tempos mais recentes, procurando especializar como era Campina Grande do final do século XIX e início do século XX.

Evidentemente que a análise de mapas elaborados naquele momento seria mais produtiva, no entanto, na ausência desses utilizaremos os documentos existentes para a leitura específica sobre as águas em Campina Grande.

2.1 – As águas nos documentos cartográficos de Campina Grande

Neste item, buscamos a compreensão dos documentos cartográficos sobre Campina Grande e suas águas. Encontramos diversas dificuldades devido a falta de muitos documentos cartográficos que representasse a espacialização de Campina Grande em tempos outros.

No Museu Histórico Geográfico de Campina Grande, antigo Telégrafo, encontram-se mapas da cidade produzidos na época de sua formação, mapas esses trazidos nas imagens 2 e 4, que serviram como base para a elaboração de novos mapas feitos por Queiroz (2008). Para a análise e discussão sobre as águas de Campina, optamos por usar os mapas de Queiroz, mas que não deixa de ser importante apresentar os mapas antigos originais.

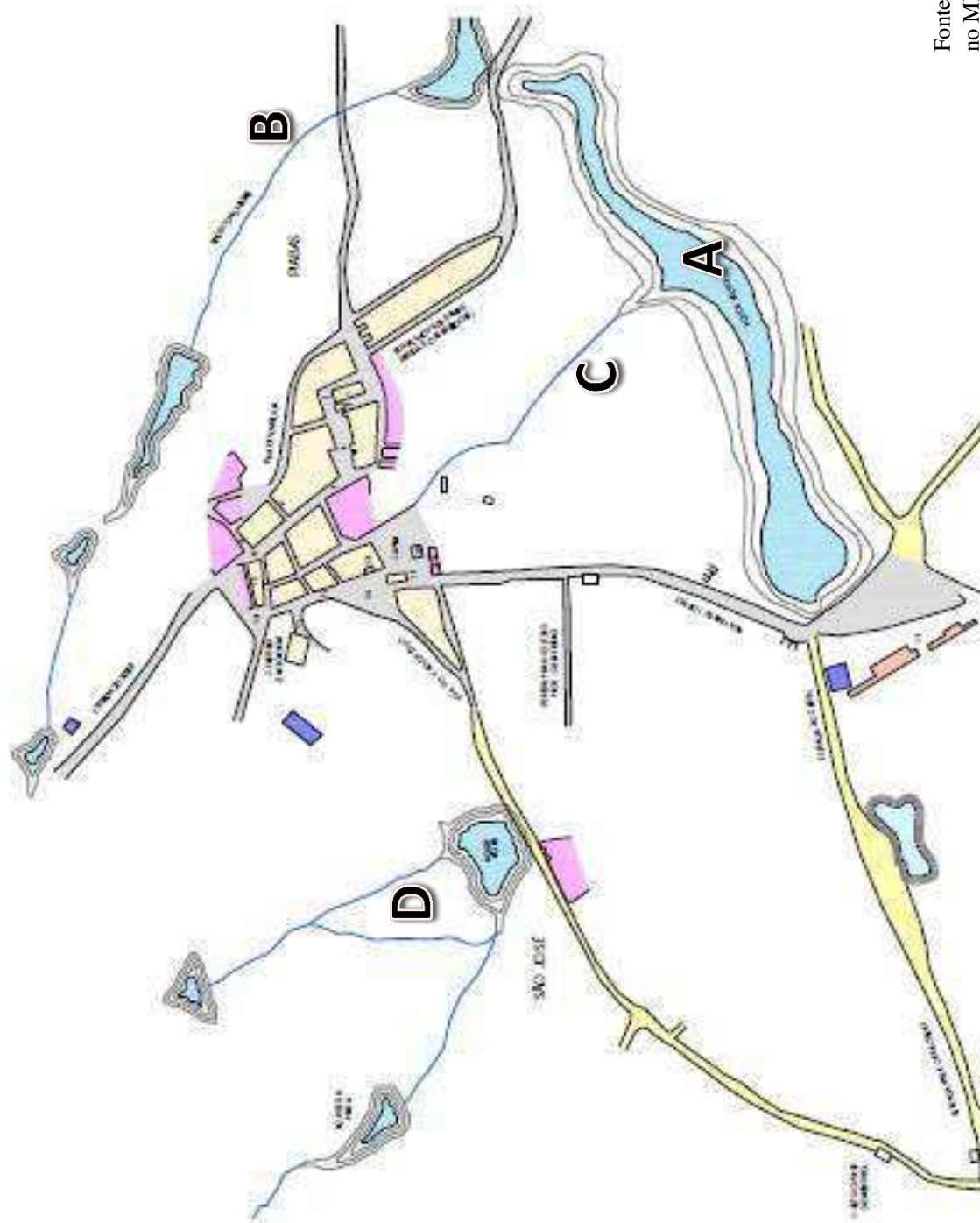
Figura 2 – Mapa de Campina Grande de 1907



Fonte: Acervo pessoal de Aline Souza de Almeida.

Esta primeira imagem traz o mapa feito à mão, datado de 1907, que serviu como base para a elaboração deste mapa de Queiroz (2008) apresentado abaixo.

FIGURA 3- Campina Grande - 1907



Fonte: Desenhado a partir de imagem exposta no MHCG

De acordo com a análise feita por Queiroz (2008), percebemos que a irregularidade na ocupação não seguia os traços e alinhamentos da topografia do lugar. Apreende-se, assim, que não houve um planejamento nesta ocupação inicial da cidade. Ações de planejamento urbano, no entanto, eram achadas no Brasil mesmo em períodos anteriores a esse, pois, segundo o autor, a organização do território, só era feita pela metrópole em núcleos mais importantes da colônia.

Olhando para o mapa, e buscando-se fazer uma análise sobre como as águas estavam dispostas em Campina no início do século XX, podemos perceber que no “Ponto A” temos o Açude Velho, possuindo uma extensão muito maior do que se encontra atualmente.

No “Ponto B”, podemos ver o Riacho das Piabas, fonte do Açude Velho, que ao longo de seu curso apresenta diversas áreas alagadas, mostrando que no passado, o riacho comportava mais água. Associando esta espacialização ao presente, percebe-se que as alterações e a inexistência desses alagados se dá pelo crescimento urbano e as diversas ações realizadas na cidade de diminuição do espaço das águas.

No “Ponto C”, vemos um pequeno corpo d’água que nasce na área mais central da cidade e segue até ao Açude Velho. Nos dias de hoje esse riacho já não é mais visto na paisagem da cidade. Atualmente, seu curso desagua no que é hoje o Museu de Arte Popular da Paraíba.

No “Ponto D” temos o Açude Novo, e percebemos que a sua construção partiu do barramento após a confluência de dois riachos. Esses riachos também não são atualmente observados na paisagem de Campina Grande, provavelmente tendo sido cobertos e absorvidos pelo sistema de drenagem da cidade.

De modo geral, vemos que o início da cidade foi construído em uma das partes mais altas e que as construções não possuíam um contado direto com as margens desses corpos d’água descritos.

Podemos observar, também, como aborda o próprio Queiroz (2008), que a ocupação inicial ocorrida nas áreas mais altas da cidade eram acompanhadas por uma maior facilidade na drenagem das águas. A situação topográfica permitia assim que as águas da chuva carregassem lixo, fezes e outros tipos de dejetos para dentro do Açude Velho. Vemos que a poluição do açude existe desde então.

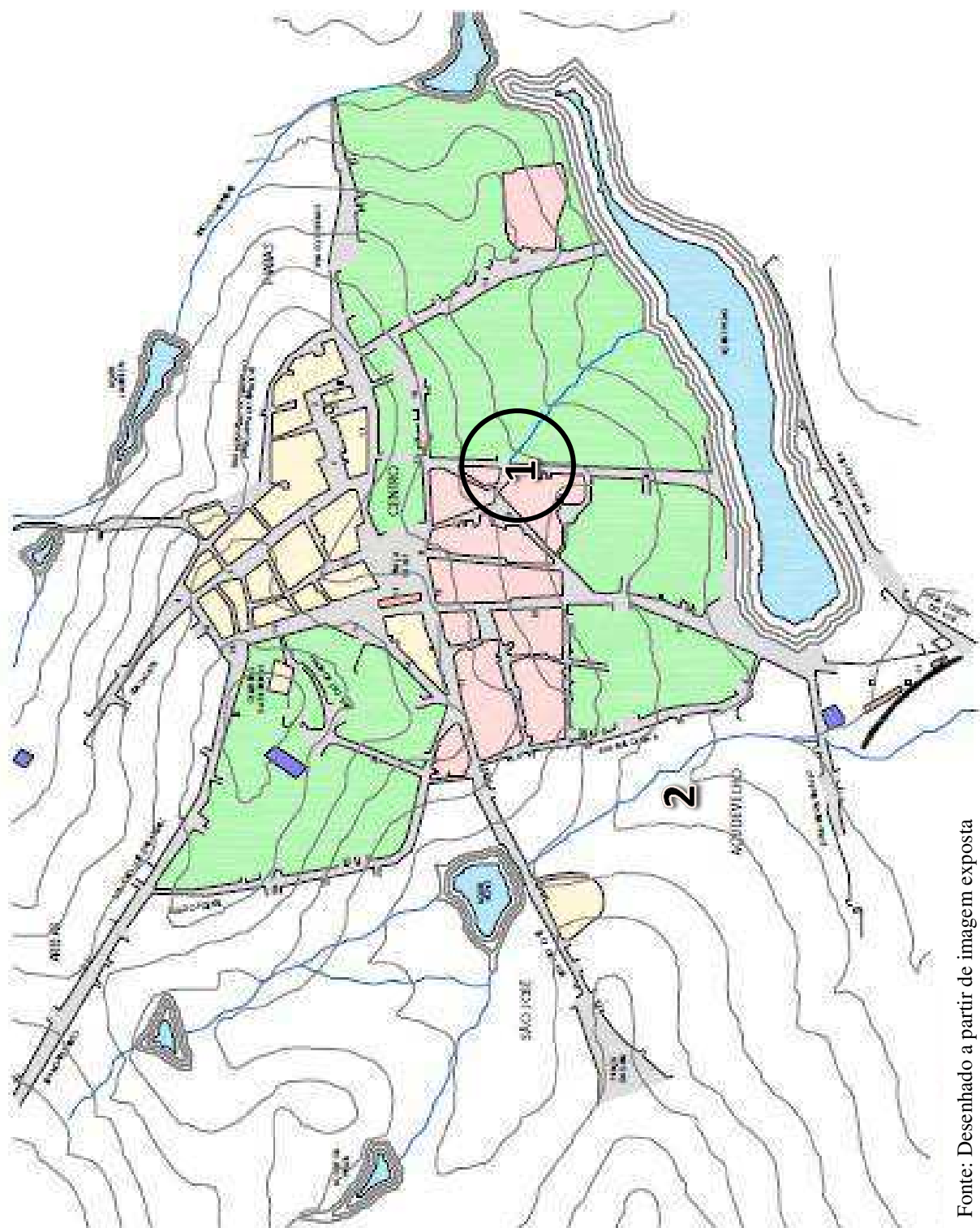
Figura 4 – Mapa de Campina Grande - 1918



Fonte: Acervo pessoal de Aline Souza de Almeida.

Esta imagem, também presente no Museu Histórico Geográfico de Campina Grande, retrata a cidade de Campina Grande do ano de 1918, base para o próximo mapa de Queiroz (2008), apresentando uma Campina Grande já diferente da representada na década anterior com significativo crescimento urbano.

FIGURA 5- Campina Grande - 1918



Fonte: Desenhado a partir de imagem exposta no MHCG

Neste segundo mapa, pode-se evidenciar, a princípio, a apresentação das curvas de nível, fato que contribui na leitura da geomorfologia do local e na observação do sentido das transformações ocorridas na cidade.

Vemos, já neste período, que a urbanização começa a dar seus avanços, e quanto aos riachos, percebemos intervenções bem significativas. No ponto 1, trazido anteriormente no outro mapa com ponto C, já tem parte de seu curso suprimido através desse advento da urbanização.

No ponto 2 podemos perceber que aparece pela primeira vez o sangradouro do Açude Novo, dando origem a um riacho que atualmente estaria presente nas proximidades do Parque do Povo.

Diante deste fato, e outros acima mencionados, vemos um riacho que deixa de existir, o primeiro impacto seria de não vê-lo mais na paisagem da cidade. Depois nos perguntamos quais seriam os fatores que levam a um riacho desaparecer. Dentre esses fatores, podemos listar a valorização do moderno/urbano. Ou seja, o crescimento da cidade deve sacrificar aquilo que atrapalha. O leito do rio é trocado por leito de ruas e as áreas alagadas são aterradas para dar espaço a novas construções, sem preocupação alguma com as questões ambientais. Outro ponto se relaciona com o debate da negação ao natural, visto muitas vezes como desnecessário. Podemos aqui, fazer uma associação com a Geografia Histórica em relação ao estudo do passado e das memórias, trazidas no primeiro capítulo, e que de certa também são negadas.

Quanto à questão da urbanização em Campina Grande, damos um destaque nesse período sobre a chegada do trem a cidade. A construção da linha férrea trouxe grande desenvolvimento:

A ocupação urbana só rompeu esses limites com inauguração da estrada de ferro no começo do século passado. A necessidade de implantação da estação ferroviária em terreno plano, sem os problemas que poderiam causar a topografia acidentada no núcleo já urbanizado, levou a sua instalação para as proximidades do Açude Velho, a mais de um quilômetro do centro citadino. (QUEIROZ, 2008, p. 43)

Partindo disso, vemos a cidade crescendo em direção ao Açude Velho, descendo das áreas mais altas e mais centrais chegando sempre mais próxima ao açude.

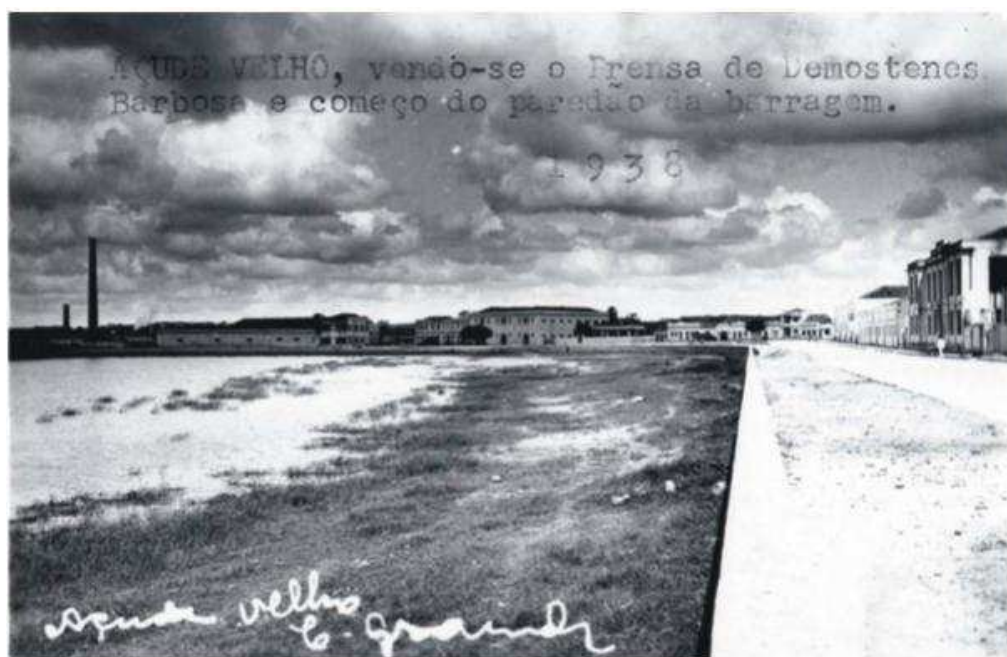
Nestes anos demonstrados nos mapas, percebemos o crescimento considerável da cidade de Campina Grande. Neste ano de 1918, Queiroz (2008), afirma que, a água

era disponível imprescindivelmente para o desenvolvimento das atividades das fábricas têxteis, e curtumes. Campina Grande crescia buscando “novos ares”.

As fábricas e as demais atividades produtivas consideradas insalubres foram deslocadas para as regiões dos açudes Velho e Bodocongó, subúrbios que se firmaram como áreas fabris, com predominância de prensas de algodão e curtumes no Açude Velho e de fábricas têxteis no Bodocongó. A disponibilidade de água, imprescindível para o desenvolvimento de tais atividades [...]. (QUEIROZ, 2008, p. 98)

A água, agora, deixando de ser utilizada apenas para o consumo humano e passa a ser utilizada também como fonte para o desenvolvimento destas empresas. A poluição nos dois reservatórios se agravaram bastante, com a forte hipótese de que a água utilizada carregada de vários produtos químicos era jogada nos açudes sem nenhum cuidado. Estes dois açudes sofrem até hoje com a poluição, caso que fará 100 anos brevemente e parece não ter havido grande alteração na percepção sobre o cuidado com as águas. A figura retrata uma das utilidades para as águas do Açude Velho, que era as fábricas de curtume, que foram por muito tempo fonte de renda para a cidade.

Figura 6 - Açude Velho e “suas” fábricas



43. Fábricas e prensas de algodão às margens do Açude Velho. Fonte: Arquivo Humberto Nóbrega - Unipê (Acervo pessoal Francisco Sales Trajano Filho).

Fonte: Queiroz, 2008.

Podemos promover diversas discussões que se associam ao desenvolvimento da cidade e suas consequências, no tocante da reordenação urbana. Como traz Queiroz (2008), podemos ver que:

Além da reordenação do meio urbano para purificar e fazer circular seus ares, a disponibilidade e a distribuição domiciliar de água potável, a coleta e o tratamento dos dejetos residenciais foram alçados a fatores decisivos para a saúde e a modernização de Campina Grande dos anos 1930. (QUEIROZ, 2008, p. 101)

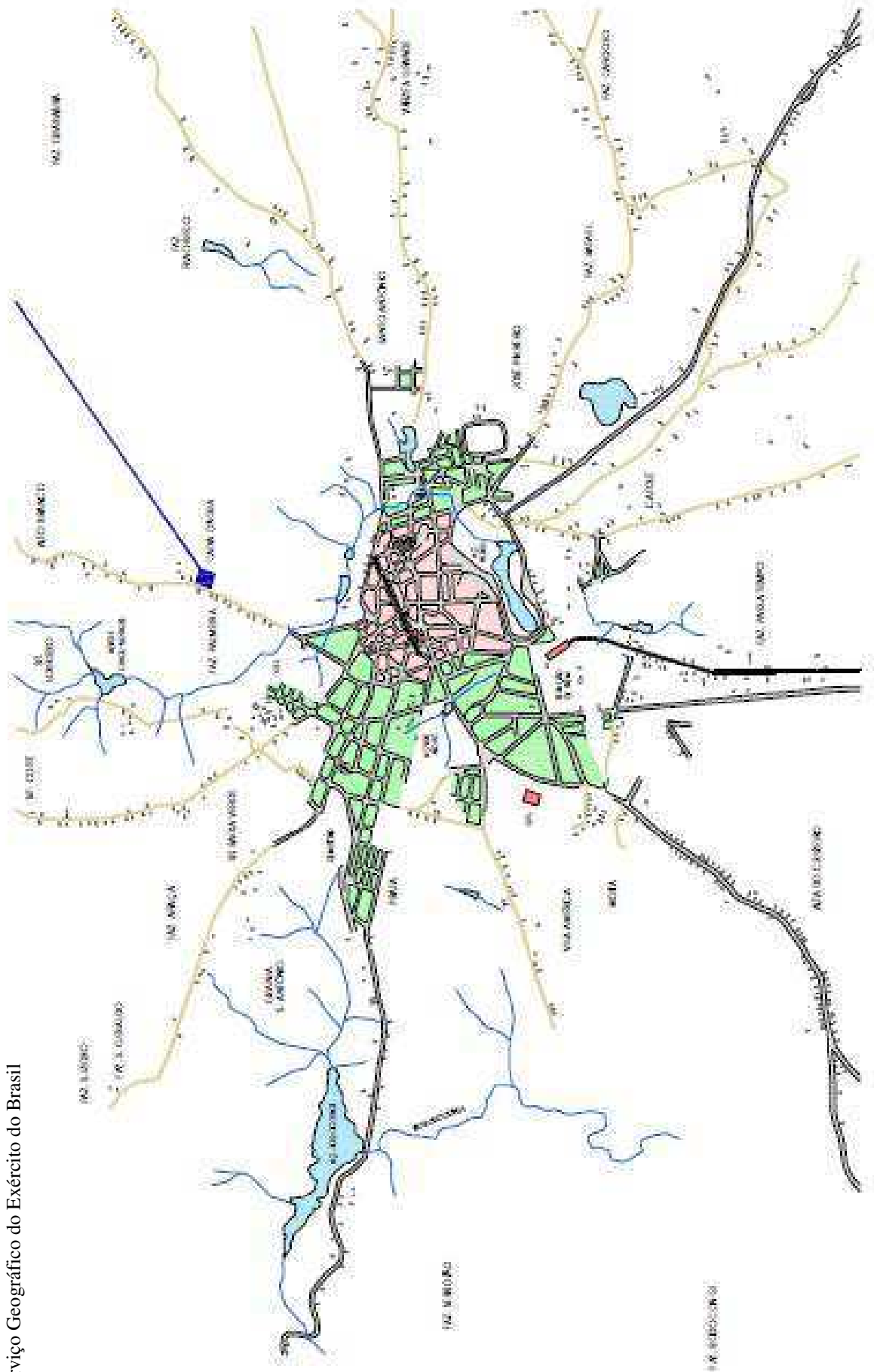
Os anos de 1930 são os que possuem quase nenhuma memória preservada em material cartográfico, porém nesta época as discussões se intensificam muito sobre a questão da modernização da cidade, e o que deveria ser feito para chegar a isto. A água entrava como um fator muito importante, o Açude Velho principalmente. Sendo assim, sobre as águas de Campina, ainda cabe falar sobre a questão da representatividade, a água não apenas como manancial, mas também como objeto de prestígio, e Queiroz (2008) traz que:

Com a afirmação de que a água para Campina Grande não constituía “tão somente um imenso benefício aos seus habitantes”, de que seria, sobretudo, “um largo benefício aos interesses gerais do nosso Estado”, principalmente para as suas finanças, [...]. (Ibid. p. 104)

O açude, já era visto como benefício ao próprio Estado, não era mais apenas água, aquele reservatório trazia lucros para o governo, porém, o autor não mostra de que forma o açude trazia esse benefício.

Contudo, olhando para os dias de hoje, o Açude Velho, por exemplo, é um espaço voltado ao turismo, e é marca principal da cidade vista por pessoas de outros lugares, como ainda será discutido no próximo capítulo.

FIGURA 7- Campina Grande - 1943



Fonte: Desenhado a partir de mapa elaborado pelo Serviço Geográfico do Exército do Brasil

Este último mapa tem uma grande diferença em relação aos anteriores, percebemos que houve uma alteração na escala, antes a representação dos reservatórios resumia-se aos açudes Velho e Novo, e agora, com esse mapa de Campina dos anos de 1943, aparece a bacia de Bodocongó.

Podemos elencar primeiramente que neste ano de 1943 a cidade já estava completamente diferente daquela representada nas primeiras décadas do século. A expansão para as áreas mais afastadas do centro contempla o surgimento de novos bairros. Reflexo natural devido ao aumento da população, e um fato que é de extrema importância e relevância, é perceber que ao longo desses tempos, Campina Grande ai buscar água cada vez mais longe, negando mais uma vez os reservatórios que estão na sua cidade.

[...] em 1939, foi necessário construir outro reservatório para atender ao abastecimento de Campina Grande, também por meio de transposição. Trata-se do açude Vaca Brava, localizado na região do Agreste-Brejo a cerca de 40 km de Campina Grande, cuja microbacia hidrográfica abrange parte dos territórios de Areia e Remígio. Com o tempo, outros municípios foram sendo incorporados ao sistema de abastecimento de Vaca Brava, como Esperança, Matinhas e Lagoa Seca. O reservatório de Vaca Brava passou a enfrentar um período crítico levando os municípios atendidos por ele a um colapso de abastecimento, recorrendo à distribuição de água por meio de carros pipa (LIMA ET AL, 2014, p. 21)

Foi então, com o crescimento da cidade, e de seus municípios vizinhos, que desde muito tempo não utiliza mais, para o abastecimento da população, as águas de seus reservatórios, e cada vez mais que a cidade toma proporções maiores, vão a procura de outro reservatório ainda mais longe, para suprir as suas necessidades, como é atualmente o caso do Açude Epitácio Pessoa (Boqueirão).

Construído na década de 1950, o Açude de Boqueirão continua ativo até hoje, trazendo uma bagagem de mais de 50 anos de abastecimentos e “sofrendo” com todos os fenômenos naturais de estiagem e ocorrem até então. E ainda mais:

A partir de 1958, Campina Grande e, posteriormente, outros municípios por ela polarizados, passaram a ser abastecidos com águas transportadas por adutoras do açude Epitácio Pessoa, que atualiza os históricos desafios de abastecimento que marcaram esta cidade. (LIMA ET AL, 2014, p. 21)

Acreditamos que esta prática de abandono de seus próprios reservatórios pode estar relacionada com a ideia arcaica de transformar corpos d'água em canais de esgoto, fazendo com que as pessoas neguem que estes façam parte da cidade como riachos. Essa questão se pauta no discurso higienista que é tão fortemente, ainda, presente na cidade de Campina Grande.

A canalização parte do discurso higienista, uma abordagem bem tradicional, trazida da Europa, no século XIX, em que a água é considerada como um vetor de doenças, e a canalização seriam as alternativas que afastavam esgotos e águas pluviais mais rapidamente para longe da cidade, como Carvalho (2011), traz:

[...] a visão ainda predominante no Brasil tem suas origens no final do século XIX e início do século XX a partir das idéias higienistas que dominaram a Europa. “*Tout à l’égout*” era a premissa utilizada na construção da infraestrutura urbana das cidades européias, que começavam a implantar seus sistemas de esgotamento sanitário e pluvial de forma conjunta ou separada. “Tudo ao esgoto” indicava o caminho a ser percorrido tanto pelas águas servidas como pelas águas pluviais. (CARVALHO, 2011 *apud* POMPÊO, 2000, p. 28)

Atualmente com esta prática, infelizmente, ainda fazendo parte do nosso cotidiano na cidade, às águas e esgotos “convivendo” num mesmo ambiente, e a água antes usada para o abastecimento, não “serve” mais para isto. E de fato vai haver a necessidade de se buscar água no lugar onde ela se encontra, porque não se vai matar a população de sede. Cabe a todos nós pararmos para refletir sobre, e tentar enquanto ainda dá para recuperar os nossos reservatórios, e deixar de “pedir água na casa do vizinho”, porque no momento em que ela acabasse para todos, para onde iríamos correr?

O próximo capítulo trará o resgate geohistórico das águas de Campina, através das discussões de vários autores, do passado e do presente, que trazem as memórias da cidade com bastante precisão, mostrando como foi o início da cidade e o seu desenvolver ao longo dos primeiros anos, e a importância da água em seu desenvolvimento.

CAPÍTULO 3

AS TRANSFORMAÇÕES GEOHISTÓRICAS DAS ÁGUAS DE CAMPINA GRANDE

Neste capítulo trazemos o que de memória de Campina Grande foi preservado nos livros e em outras obras, de forma cronológica, recuperando-as, podemos perceber os pontos em que a cidade se transformou, e a importância da água, representado pelos corpos hídricos, no desenvolver da cidade e da população que habita o território. O capítulo está dividido em três itens, cada um embasado nas obras sobre a história da cidade que conseguimos encontrar, obras valiosas que também devem ser preservadas.

3.1 O surgimento de Campina Grande: a água como fator primordial

A história dos primeiros habitantes de muitas cidades brasileiras está no povoamento dos povos indígenas, na história de Campina Grande não foi diferente, Lima et al. (2013) traz em seu capítulo no livro “Campina Grande hoje e amanhã” que,

Os primeiros povoamentos de Campina Grande ocorreram em fins do século XVII, quando se consolidou o aldeamento dos indígenas Ariú, fixados pelo capitão-mor Teodósio de Oliveira Ledo, às margens da represa de água, estendendo-se ao lado da capela, na rua principal (onde hoje está localizada a Catedral de Nossa Senhora da Conceição). (LIMA et al., 2013, p. 16)

E as águas também tem grande importância no desenvolvimento de um lugar:

A importância das águas pode ser verificada na história do município desde os seus primeiros povoamentos, assim como ocorreu em todo o processo de ocupação do atual Estado da Paraíba, onde os rios constituíram as principais vias de colonização do seu interior. A facilidade de circulação e a distribuição de águas condicionaram a ocupação das margens fluviais e produziram o “povoamento de ribeira”, isto é, a instalação de grandes fazendas de gado ao longo dos rios. (LIMA et al., 2013, p. 15)

Uma questão que é de grande importância ser levada em consideração, é que o começo da civilização ocorre às margens de um corpo d’água, a mesma autora fala que “uma cidade devolvida desde os primórdios da colonização a partir de um riacho de água”, sendo assim, a água um grande fator para a permanência de povos na região.

A cidade de Campina Grande teve seu surgimento através da sua importância como rota dos viajantes que vinham do sertão em direção a capital da província, sendo ela apenas uma vila. Em “Notas sobre a Parahyba” de Irineo Joffily (1892), afirma que¹:

Pela cidade de Campina Grande passavão todos os retirantes do sertão adjacente, o Cariry, e os que vinhão além da Borborema, que se destinavão à capital da província. Era um lugar de parada para todos e de residência para muitos; mal accomodados em choupanas de ramos, estes e aquelles vivendo ao relento pelas calçadas, na maior confusão e aviltados pela maior miseria. (JOFFILY, 1892, p. 177)

Passavam, então, diversos viajantes pela localidade, e devido as distâncias, sempre queriam um lugar que fosse possível descansar, comer e até mesmo dormir, e aos poucos foi virando lugar de residência, fazendo a partir daí, o surgimento de uma cidade.

Elpídio de Almeida (n/d) aborda em sua obra “História de Campina Grande” um apanhado sobre diversos pontos da história de Campina, que passou quase um século como uma vila (Vila Nova da Rainha), e neste período cresceu insignificante:

Até o começo de 1758 não existia nenhuma vila na capitania da Paraíba. As primeiras foram criadas no decorrer desse ano: Alhandra em maio, Pilar em setembro. Vieram depois Conde (1768), Pombal (1772), Traição e Montemor. Seguiu-se a Vila Nova da Rainha (1790), não falando na Vila Nova do Príncipe (Caicó) e Vila Nova da Princesa (Açu), ao tempo pertencentes à jurisdição da Paraíba.

Conservou-se Campina Grande como vila durante 74 anos. Nesse longo período, apesar da situação topográfica privilegiada, permaneceu estática, tão lento e insensível foi o seu crescimento. (ALMEIDA, n/d, p. 123)

No princípio, Campina tinha a sua importância focada apenas como ponto de ligação do sertão para a capital, onde estava o desenvolvimento, onde as coisas fluíam, mas também não foi sempre assim, o mesmo autor ainda afirma que:

Campina Grande não era simplesmente um pouso, lugar de descanso para os animais e tropeiros. Mas a estalagem, a parada obrigatória, o ponto terminal da longa caminhada. [...] Tornou-se a praça dos escambos da Província. (ALMEIDA, n/d, p. 107)

A cidade se transformou num ponto obrigatório, porém não mais de passagem ou só descanso, neste momento já começa como ponto de comércio, onde já está sendo feitas as trocas, vendas e compras daquela época.

Contudo, nenhum fato histórico acontece sozinho no tempo, existem vários eventos simultâneos que tentaremos organizar de forma compreensiva, e um deles é a

¹ Ao longo deste capítulo trechos dos textos originais serão reproduzidos como os originais que utilizavam as normas de uso da Língua Portuguesa daquele período.

questão das secas, que devido às questões naturais da região e que esteve presente na vida de todos desde sempre.

3.2 Campina em tempo de “seca”

A seca, como sabemos, é uma condição natural que acontece por vários fatores e não é “privilégio” apenas nosso; Joffily (1892) comenta que:

A secca não é fenômeno privativo de qualquer paiz do globo, a historia nos fala do seu apparecimento até nas mais felizes regiões; e, antes dela, já havia a velha legenda européia de uma secca de 25 anos, acompanhada do tremor de terra que separou a Africa da Hespanha e a Sicilia do continente, [...] (JOFFILY, 1892, p. 171)

Este fenômeno natural, melhor representado quando se fala em estiagem, não é algo recente, e nem somente do povo nordestino que ainda não se adaptou a tal condição. Joffily ainda traz uma indagação que me parece muito atual dizendo que “o povo ainda ingênuo acreditava que o céu os castigavam por estar indignado”, porque até hoje ainda vemos pessoas jogando a “culpa” de não em Deus, e não só pela seca, mas também pelas catástrofes das enchentes.

Joffily (1892) ainda aponta a visão de outro autor sobre a mesma visão:

O phenomeno das seccas, diz outro escriptor, é attribuido á direcção dos ventos, mas deve-se convir que esta explicação é insufficiente: porque seria preciso demonstrar ao mesmo tempo que não sente-se nunca dous ventos contrários nessas regiões, onde não cahe uma só gotta de chuva durante mezes ou mesmo um anno inteiro. (JOFFILY, 1892, p. 187)

Em Campina Grande a maior seca que já foi registrada foi então a do ano de 1877, que trouxe inúmeros estragos pra população, os autores pesquisados trazem que:

A secca de 1877, de todas a mais horrorosa em seus efeitos, merece que nos preocupemos della na parte referente especialmente á Parahyba. (JOFFILY, 1892, p. 174)

A grande sêca de 1877, a maior que já assombrou o Nordeste sobreveio quando a população já estava quase esquecida dos terríveis efeitos da última calamidade, ocorrida 32 anos antes, interrompido êsse longo período, a espaços, por estiagens curtas, os repiquêtes, que não chegavam a transtornar a vida simples do dos habitantes da região.” (ALMEIDA, n/d, p. 159)

Baseado neste dois autores, esta seca fez estragos na região Nordeste, e especialmente na Paraíba, em que já haviam sofrido com os efeitos de uma grande seca na década de 1840, e entre essas duas, acontecendo pequenos eventos de estiagem, que

de fato, não fizeram as pessoas se adaptarem a estas condições, e que até hoje, os paraibanos ainda sofrem.

A “seca”, ponto principal deste item, citada por estes grandes autores paraibanos, as discussões sempre entoam o quanto a população de todo o estado sofreu com esta seca, em especial, e pelo visto, nenhuma seca até ensinou ninguém a sobreviver junto a ela, virando a maior aliada de político quando quer conseguir voto.

Tratando ainda da questão de 1877, Almeida (n/d) comenta que:

Tendo durado três anos, já no primeiro eram extensos por tôda a parte os estragos, deslocando-se a população sertaneja em direção aos brejos e litoral, a fim de não morrer de fome e sede. Noticiando o que se passava em Campina Grande, dizia o correspondente de um jornal da capital “A OPINIÃO”, em outubro de 1877: “A sêca é assombroso, e quem não tiver coração de gelo não pode deixar de condoer-se do mísero estado em que todos os dias chegavam esses grandes grupos de emigrantes; homens e mulheres, velhos e moços, meninos e meninas; que mais parecem esqueletos andantes, e quase nus andam de porta em porta, a esmolar. O depósito de víveres não chega nem para a metade dêles. (ALMEIDA, n/d, p. 159)

Tratando dessa seca, percebemos o flagelo que viveu a população do passado sem cuidado algum, e isto acaba se perpetuando ao longo do tempo como o mesmo autor traz:

[...]o sol é ardentíssimo, as febres continuam a dizimar, principalmente os retirantes, em poucos dias nem água teremos para beber, porque o Açude Nôvo está quase seco, e quem não tiver bom dinheiro para dar por uma carga d’água dos brejos que se muda.

Com o prolongamento da estiagem, queimando as últimas reservas sertanejas, intensificava-se a migração. (ALMEIDA, n/d, p. 159)

Até o momento, não houve nenhuma citação aos açudes de Campina, que no caso, serão abordados com maior precisão no próximo item do capítulo, mas nesta época, existiam tanto o Açude Velho quanto o Açude Novo, que serviram por muito tempo no abastecimento da cidade, porém secaram nestes períodos trazendo grandes preocupações aos moradores.

Outro fato pertinente neste trecho que trago de Almeida, é da questão da migração dos sertanejos a busca de lugares com água, pois ninguém quer ver sua família morrer nem de fome nem de sede, e isto aconteceu por longos anos, as famílias sempre foram com destino ao Sul não só por melhores condições de vida, mas também por abundância de água, eles não queriam passar mais uma vez por aquilo.

A seca de 1877 que devastou no Nordeste serviu como fonte de inspiração para poetas da região:

[...] Um poeta da região, com o poder divino de síntese, traçou em quatro linhas a tragédia:

“Ah, pobres mães sertanejas!

Choram tanto, choram tanto!

- Sertão porque não vicejas,

Com essas ondas de pranto?”

(Autor desconhecido *apud* ALMEIDA, n/d, p. 163)

Estes versos conseguem retratar um pouco as tristezas em que viviam nosso povo, infelizmente não se sabe quem escreveu os versos, mas sabemos que suas palavras ainda se fazem atuais quando nos deparamos com os casos de secas, e seus efeitos gerados, principalmente aos sertanejos, que sem água, lamentam a perda da lavoura e também da criação de gado.

Dentre as leituras, algo também perceptível é a questão ligada aos valores que a maior parte das pessoas assumem, considerando com tamanha satisfação o levantamento de edifícios.

A Paraíba estava exaurida no fim da calamidade. Mas Campina Grande, após o triênio de sofrimentos, consolava-se em ver aumentando o seu patrimônio com o levantamento de dois edifícios públicos, marcando a sua primeira fase de desempenho e crescimento. Lucrou com a desgraça. (ALMEIDA, n/d, p. 163)

Cotidianamente ainda percebemos esse tipo de prática, “lucrar com a desgraça”, e quando vemos que os mais atingidos com a seca serão sempre os mais pobres. Mas que alternativas podemos utilizar para minimizar os efeitos das secas?

Joffily (1892) traz o exemplo dos holandeses e sua forma de conquista do seu território por meio de alternativas com o manejo da água:

A Holanda conquistou ao mar o seu território por meio de diques, serviço que lá merece especial cuidado do governo. Do mesmo modo devia haver entre nós um serviço especial de açudes, com o fim de conquistar o sertão ao devastador flagelo das seccas. (JOFFILY, 1892, p. 190)

A alternativa citada pelo autor, é na prática de construção de açudes, que ele traz no livro como “açudar”, e não está apenas em fazer, é ter a preocupação do cuidado e da preservação deste. Ele ainda afirma que:

[...]quais meios de combater a secca.

[...]Açudar todos os rios e torrentes para obter que conservem agua ainda mesmo em dous ou tres anos de secca;

Construir represas nas gargantas dos valles, mais apropriadas á esta sorte de construções, afim de formar inexauríveis depósitos para o continuo abastecimento dos rios engenhosamente açudados. (JOFFILY, 1892, p. 187)

A alternativa mais viável para o “combate” a seca, ainda continua sendo fazer açudes que deem conta de abastecer um grande número de pessoas, e esta prática de “açudar” não vem de hoje, e o seu desenrolar ao longo da história de Campina Grande será mostrado no próximo item.

3.3 Açudes, riachos e agueiros: as alternativas de combate à seca

Como já foi falado no item anterior, os açudes são reservatórios construídos com o intuito do combate as secas, como o próprio Joffily (1892) traz:

Os açudes sempre foram os meios mais empregados pelos sertanejos para neutralisar os efeitos das seccas, desde os primeiros tempos da colonização. (JOFFILY, 1892, p.187)

Os açudes têm triplice vantagem de prestar guarda aos animaes, de entreter uma evaporação abundante de partículas aquosas, e por conseguinte de saturar de humidade a atmosphaera, e de crear e conservar as plantações que se quizer fazer em torno delles, quer para nutrição e bem estar do homem, ou dos animaes, quer finalmente arborisar o terreno; os açudes, repetimos, devem ser multiplicados em toda a província. (JOFFILY, 1892, p.190)

O autor mostra como naquele tempo os açudes tinham a sua grande importância, e que se tivessem seguido o conselho, de construir barragens, algum tipo de reservatório, que pudesse de alguma forma suprir a necessidade da população até mesmo nos períodos de estiagem, o estado não passaria por tantas dificuldades pela falta de água como ainda estamos passando na atualidade.

Antes de se terem açudes, a população “se virava” como podia, retiravam água de pequenos reservatórios, e existia a função do “agueiro”, que era a pessoa encarregada de fazer o transporte da água que encontrava para a população. Segundo Lima et al. (2013):

[...]o abastecimento de água da maioria da população ainda permanecia deficitária, exemplo disso era a importante função do “agueiro”, responsável por transportar água no lombo de jumentos, passeando por toda extensão urbana, com a água colhida, principalmente, do Riacho das Piabas. (LIMA et al., 2013, p. 19)

Como podemos observar na Figura 8:

Figura 8 - Agueiros em Campina



“Aqueiros”, reunidos nas proximidades da Feira Central, na década de 1930

Fonte: Imagem retirada do livro Campina Grande hoje e amanhã, 2013.

Naquela época, a obra de construção do Açude Velho, foi de grande importância na cidade, a obra que iria contribuir demais com o combate as secas, e seria a fonte de abastecimento dos habitantes. Os autores utilizados na pesquisa trazem sobre o início da construção do açude:

O Açude Velho foi o primeiro reservatório a atender o referido município, construído onde antes havia o “Riacho das Piabas”, no atual centro da cidade. Sua inauguração ocorreu em 1830, mas só veio a ser concluído em 1844, tornando-se naquele momento o maior reservatório público do Planalto da Borborema. (LIMA et al., 2013, p. 17)

A construção do Açude Velho resultou dos estragos causados pela seca que devastou o nordeste em 1824-1825. No depoimento de uma testemunha, Antônio de Araújo Soares, sobrinho do sargento-mor Paulo de Araújo Soares, os prejuízos em Campina Grande foram totais: “nos anos de mil oitocentos e vinte e quatro e vinte e cinco, grassaram nestes sertões terríveis secas que arrasaram os seus habitantes, tanto em bens como até mesmo nas vidas, de sorte que os gados vacum e animais cavaleares quase de todo se extinguiram”. (ALMEIDA, n/d, p.105)

O Açude Velho, então, no pedido de socorro de todos que sofriam com as secas constantes, acontecidas até a época de construção dele datada por volta de 1830, como podemos ver na figura 9 que uma das primeiras fotos do açude, sendo a salvação do povo que perdeu tudo nesta grande seca dos anos de 1824-1825, açude esse construído por onde já passava o Riacho das Piabas.

Após sua inauguração, o Açude Velho exerceu um importante papel como fonte de água para a população não só da “Rainha da Borborema”, mas também das regiões circunvizinhas. O Açude começou pequeno, mas foi ampliado, até adquirir as proporções que possui hoje, com uma área de 250 m². (LIMA et al., 2013, p. 18)

Figura 9 - Açude Velho



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande, n/d.

O Açude Velho foi uma obra de tamanha importância sendo a principal fonte de abastecimento da cidade e das regiões mais próximas que lhe cercava, e tamanho também é o engrandecimento dos campinenses quando falam de sua terra, Cabral Filho (2009) traz um relato dizendo que “numa expressão de inegável aprovação a tudo o que presenciara, o repórter de “A União” não tem dúvidas: ‘brevemente ver-se-á ali um dos mais empolgantes logradouros do Nordeste”.

Campina Grande não está apenas no nome da cidade, mas também no bem que seus moradores levam, o açude velho era de grande porte apenas para a região em que ele comportava, e deixando a grandeza apenas para o seu caráter cultural e turístico.

Cabral Filho (2009), traz no seu livro “A cidade revelada: Campina Grande em Imagens e História”, a obra de construção do açude e sua inauguração, ninguém sabe ao certo em que ano isto ocorreu de fato, quanto aos processos de sua urbanização já datados de 1942, ele traz sobre a “Inauguração de obra de construção do cais circular da bacia do açude”, ver figura 10, trazendo o relato de ‘Cristiano Pimentel’, que foi testemunha ocular o fato:

[...]o Açude Velho fora construído em 1829 e, em 1942, o então prefeito Dr. Vergniaud Wanderley, o Pereira Passos Campinense, deu início a construção do grande cais que o circunda”. (CABRAL FILHO, 2009, p. 67)

Figura 10 - Inauguração do cais do Açude Velho



Foto 7: Acervo Dr. Severino Bezerra de Carvalho

Fonte: Cabral Filho, 2009.

De acordo com o que Cabral Filho (2009) traz a obra tem um caráter popular, “pois traz para o centro do quiosque que, em momentos de festa, como o que nos é mostrado, deveria estar comercializando bebidas”. Algo bem popular mesmo, e se transformou um local de diversão para as famílias campinenses, o mesmo ainda possui caráter popular, sendo um dos cartões postais de Campina Grande.

Dentro do contexto, a principal função do açude está ligada a questão do abastecimento, como podemos ver na figura 11, no qual o açude era abundante, e em Campina Grande mananciais menores também desempenhavam essa função, como Lima et. al. (2013) traz:

[...] o abastecimento de água da maioria da população ainda permanecia deficitária, exemplo disso era a importante função do “agueiro”, responsável por transportar água no lombo de jumentos, passeando por toda extensão urbana, com a água colhida, principalmente, do Riacho das Piabas. A concentração da tropa (foto abaixo) acontecia próximo à Feira Central. (LIMA et. al., 2013, p. 19)

Figura 11 - Açude Velho na década de 1950



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande, n/d.

Este tipo de abastecimento acontecia em cidades menores, em áreas mais rurais, em Campina Grande era um suporte a mais, as pessoas precisam de qualquer jeito ter como sobreviver com a água que eles tinham por ali, e com as estiagens constantes, só reservatórios grandes conseguiam da conta da demanda de pessoas que precisavam do açude.

Não devemos deixar de lembrar o Açude Novo, mesmo que pouco falado nas obras, e utilizado para o abastecimento por pouco tempo, não deixa de ser importante, e fazer parte da história da cidade, podemos ver na figura 12, o açude à direita na imagem, sem estar coberto como se encontra atualmente . Almeida (n/d), traz que:

Não se sabe ao certo em que ano foi construído o Açude Nôvo, nem a quem se deve a iniciativa da sua realização. O que não padece dúvida é que ficou terminado na década de 1830, pois em 1840 já estava a precisar de reparos, como atestam algumas leis provinciais. (ALMEIDA, n/d, p.117)

Figura 12 - Açude Novo à direita da imagem



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande, n/d.

Então os dois açudes são da mesma época, sendo assim, o açude velho não sendo o único a socorrer as necessidades do povo de campina, e pelas pesquisas ainda podemos falar que o açude novo tinham uma água mais pura que o do açude velho.

Retornando ao tocante das secas do item anterior, que foi utilizado para discutir sobre o fenômeno em si, aqui associaremos os dois e o que aconteceu com os açudes nestes períodos de grande calamidade, Almeida (n/d) comenta que:

Na sêca de 1888, pôsto que menos prolongada, secaram ambos os açudes. O que fez maior falta, causando pânico à população, foi o Açude Velho. Água para as necessidades domésticas era difícil, mas com despesa e trabalho se obtinha. As fontes do Lozeiro, não muito distantes, acudiam aos habitantes nessas emergências. Outras, mais afastadas, para o lado do brejo, serviam de reforço. O Açude Velho é que não tinha sucedâneo, não podia ser substituído. Era imprescindível à vida da cidade, à estabilidade de seu movimento comercial, à continuidade de suas comunicações com o interior da província. (ALMEIDA, n/d, p.119)

É completamente incrível como um jogo político, que interessa a poucos, acaba se sobressaindo em relação as maiores necessidades, no caso dos açudes era o abastecimento das pessoas, e para o governo era para a vida da cidade, do comércio,

algo que ainda é bem atual, e por esse jogo de interesses, aos poucos Campina Grande foi crescendo como cidade, e após o crescimento do trabalho com o algodão e a chegada da linha férrea a cidade, apenas essas dois açudes não comportavam o aumento populacional de Campina:

A inauguração da linha férrea em Campina Grande, em 1907, o que estava previsto: a cidade entrou rapidamente a crescer, o comércio a expandir-se, a população advençava a avolumar-se. Agravou-se o problema da escassez de água. Os dois açudes existentes, o Velho e o Nôvo, já não bastavam. Urgia a construção de outro reservatório. (ALMEIDA, n/d, p.351)

Neste momento da história surge o Açude de Bodocongó, escolhido utilizando tal critério:

Eram três os riachos. Cabia ao diretor do IFOCS escolher o mais conveniente e o local apropriado à construção da barragem. O Piabas já estava interrompido e mal chegava para sustentar o Açude Velho; o Riachão ficava na zona agrícola, não convindo prejudicá-la; restava o Bodocongó, o mais volumoso (quando chovia), inteiramente livre, oferecendo pontos excelentes para a formação do açude, o problema simplificava-se. (ALMEIDA, n/d, p.351)

Aqui vemos a grande importância que os riachos tem para a construção dos açudes, devendo ser analisado nesta perspectiva e terem tido a sua preservação sido efetivada, e continuando, hoje, ser apenas o importante riacho que sempre foi. Quanto a Bodocongó, o autor ainda traz que “a construção [...], concluída em 1916, não fez diminuir a amizade e o apêgo dos campinenses ao seu velho açude” (ALMEIDA, n/d, p.356). Quanto a obra:

Em março do ano seguinte estava concluído o açude, pronto a receber as chuvas do inverno esperado. [...] Inaugurou-o o inverno promissor, a melhor inauguração, pois entrou imediatamente a prestar os benefícios que motivaram a sua realização.

Não serviu, é verdade, para o abastecimento da cidade, dado o elevado teor de salinidade da água acumulada. Não dirimiu a crise da água potável. [...] Se não prestou serviços imediatos, tornou-se mais tarde o fator decisivo da formação de um nôvo bairro, o bairro industrial, que tanto está correndo para o enriquecimento e a propagação do nome de Campina Grande. (ALMEIDA, n/d, p.356)

Essa discussão é importante e hoje, de fato, Campina Grande deve muito ao fator industrial os seus índices de crescimento, e como um riacho que represado para um açude, contribui direta para o crescimento de um lugar em que percorre suas ruas.

Posteriormente a essas datas, tem-se a tristeza em comentar sobre o que os campinenses faziam com o açude que tanto lhes tirou do sufoco:

[...]este açude também perdeu seu caráter original de abastecimento, tornando-se, como o Açude Velho, um depósito residual de esgotos

provenientes tanto das empresas que existiam em seu entorno, como os domésticos gerados pela população. (LIMA et al., 2013, p. 20)

Além dos outros benefícios, servia o Açude Velho de banheiro público, principalmente para homens. Havia dispositivos municipais regulando o uso, visando a evitar licenciosidade e infrações à decência. (ALMEIDA, n/d, p. 113)

A poluição no açude era completamente absurda, como que alguém que usufruiu deste bem em prol da sua sobrevivência tem a coragem de poluí-lo desta forma? E mesmo com a proibição da prefeitura e com a multa estipulada em 20 cruzeiros, e com a reincidência, este pagava o dobro, as pessoas continuavam a desobedecer:

Apesar da proibição e da pesada multa, continuaram os banhos, só diminuindo no inverno, pois outro local mais conveniente não havia para abluções matinais. No verão, desciam em fileiras os banhistas, continuamente, de chinelas e toalha ao ombro, conversando alto, para a ilusória limpeza do corpo na água impura e contaminada do açude público. (ALMEIDA, n/d, 114)

Ainda dentro deste discurso “higienista”, cabe-nos agora falar sobre a canalização dos riachos em Campina Grande que é muito atual aos moradores e aos que passam ali todos os dias, pois uma das principais obras, a canalização do Riacho das Piabas, se localiza em boa parte do centro da cidade, e nessa perspectiva higienista, tem-se a ideia de que o afastamento das águas da cidade para locais mais afastados, ela fica limpa de todo tipo de sujeira, e:

Em 1965 a cidade canalizou o Riacho das Piabas, considerado sua única fonte de água doce, e ampliou gradativamente a malha viária, impermeabilizando o solo e derrubando árvores para atender demandas de expansão do espaço urbano. (COSTA, LIMA & SANTOS, 2013, p.94)

A canalização no passado, principalmente na Europa, era de fato vista como uma grande obra que surtia efeito, forma de modificação arcaica, que ainda hoje é vista como benefício para certas pessoas na cidade, fazendo com que estas neguem o seu lugar, e dê espaço não para o riacho que é, e sim para um canal de esgoto.

Dentre os malefícios desta prática, trazido por Costa, Lima & Santos (2013), para as cidades estão:

Nas três últimas décadas, houve um considerável aumento na frota de veículos que provocou a intensificação de ações na cidade, dentre elas a impermeabilização do solo, derrubada de árvores e canalização dos rios em seus trechos urbanos, aumentando o risco de catástrofes já bem conhecidas do público em geral, divulgados pelos vários meios de comunicação, tais como as enchentes e os desmoronamentos. Registra-se no ano de 2011 uma das maiores enchentes da história, quando o Riacho das Piabas transbordou. (COSTA, LIMA & SANTOS, 2013, p.95)

Com os avanços nos crescimentos das cidades, estas coisas de fato acontecem, e na grande maioria das vezes as pessoas que mais sofrem são os mais pobres, que acabam pagando as consequências. Porém está em lei o cuidado com essas áreas, após a Constituição Federal de 1988, contemplou-se a Lei Orgânica Municipal em 2013, e em seu artigo de número 269 no ponto III, diz que:

O Açude Velho, Açude de Bodocongó, Rio Bodocongó, Floresta do Louzeiro, Horto Municipal, Floresta de São José da Mata e Feira Central. Parágrafo Único- Não serão permitidas, nas áreas de preservação permanente, atividades que contribua para descaracterização ou prejudiquem seus atributos e funções essenciais, excetuadas aquelas destinadas a recuperá-las e assegurar sua proteção mediante própria autorização dos órgãos municipais competentes. (COSTA, LIMA & SANTOS, 2013, p.95)

Com a lei, a obrigação maior fica com os governos de cumpri-las, porém também, está em nossas mãos o direito de reivindicar sobre tudo isso. E outra coisa que vale salientar, a preservação das memórias, do passado, é importante e faz parte da história de cada um.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer a Geografia Histórica como tema principal desde trabalho foi um grande desafio, o desenvolvimento conceitual desta parte da Geografia deve ter sido uma grande tarefa aos que a usaram em suas pesquisas no passado. Trabalhos escritos sobre essa abordagem são ainda escassos. Percebemos, então, que esta ciência era muito pouco usada, deixada de lado da mesma forma em que o passado foi ficando no passado.

A maior preocupação desta abordagem era a perpetuação das memórias dos lugares. Não somente aquela que estava na mente das pessoas, mas também aquelas compartilhadas por todos e muitas vezes ficam marcadas na paisagem, umas permanecem nela num dado tempo, outras se perpetuam. O importante seria sempre registrar o passado que é de todos nós.

O passado por muito tempo, e também por muitas pessoas, foi deixado sempre de lado, pois este é visto como uma aversão, as pessoas sempre pensam no amanhã. Nunca estão preocupados com o que aconteceu para que o presente fosse daquela forma. Assim como também, o estudo sobre as cidades, não houve grande preocupação em analisar como o ser humano modificou o seu espaço ao longo do tempo, e o seu reflexo na sociedade de hoje. Tamanha é a falta de informação do que foi o nosso passado, é como se este fosse insignificante, mas a Geografia Histórica está aí, para que possamos ter a base para esse tipo de análise.

Compreender a complexidade desta ciência também é um desafio, pois ao longo da história houve diversas abordagens, partindo da convicção de cada autor, cada um estudando de diferentes formas. Entendemos que não é fácil conscientizar as pessoas da importância da preservação do passado, e também do hoje, que será passado futuramente.

Outro grande desafio do trabalho foi fazer o resgate geohistórico de Campina Grande e suas águas, por que nunca houve uma preocupação das pessoas quanto aos seus registros, sejam eles escritos ou por fotografias, e nem tão pouco com a preservação da história da cidade, o passado foi engavetado, as maioria das histórias não existem mais, partiram da mesma forma com que as pessoas partem, morrendo.

O nosso maior intuito era de conseguir fazer um resgate histórico do Riacho das Piabas, o título do trabalho continua o mesmo do início por este fato, porém é decepcionante ver que não houve preocupação de sistematização de informações sobre esse corpo d'água nem mesmo referências sobre sua importância para a cidade. Em geral, conseguimos apenas pequenas passagens, quando falam que Campina começou próxima a um pequeno riacho, e deste posteriormente, vai ser fonte para o Açude Velho.

Os autores mais antigos que retratam sobre a história da cidade, hoje temos seus livros como relíquias, trazem sobre a histórias da cidade do final do século XIX e início do século XX, o que de fato é início da cidade, é vemos como uma cidade que era apenas uma vila, local de passagem de viajantes, se tornou uma das cidades mais importantes, e como a água é completamente relevante para que tudo isso de fato aconteça.

Uma cidade só se desenvolve com água. Campina Grande não foi diferente. Porém, ninguém soube como cuidar, e hoje depende de água de outro lugar, e o seus reservatórios são “enfeites” da cidade, tendo o Açude Velho como o mais importante deles, e cartão postal da cidade para o mundo.

Cabe a todos nós procurar preservar aquilo que é nosso, seja o que está marcado paisagem, no lugar, ou em forma de registro, porque futuramente alguém se dedicará em fazer o mesmo tipo de trabalho, e mais uma vez precisará das memórias registradas e de referências.

Do trabalho o que fica é a certeza que ainda este esforço ainda é muito pouco. As águas de Campina não se resumem só a isso, e não temos nenhuma conclusão, só a certeza de que não devemos parar por aqui, o estudo da Geografia Histórica das nossas cidades é quem nós somos, é a nossa história, e o homem e seu lugar é feito de passado, presente e futuro.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a Memória das Cidades. In: **Escritos sobre espaço e história/** Organização Fania Fridman, Rogério Haesbert. 1. Ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2014, p. 27-54.

_____. O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação. Contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro. In: **Escritos sobre espaço e história/** Organização Fania Fridman, Rogério Haesbert. 1. Ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2014, p. 55-230.

ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande.** Edições da Livraria Pedrosa. Campina Grande-PB.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada:** Campina Grande em Imagens e História/ Severino Cabral Filho. –Campina Grande, UFCG, 2009.

COSTA, Cristian José Simões. LIMA, Rozeane Albuquerque. SANTOS, Ana Paula Silva dos. Desafios da gestão urbana de Campina Grande. In: **Campina Grande hoje e amanhã/** Antônio Guedes Rangel Junior; Cidoval Moraes de Souza. – Campina Grande: EDUEPB, 2013, P. 89-100.

CARVALHO, L.E.P. **Os Descaminhos das Águas no Recife:** a socionatureza dos rios urbanos. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós Graduação em Geografia. Recife, 2011.

ERTHAL, Rui. Geografia Histórica – Considerações. In: **GEOgrafia.** Ano V, Nº 9, 2003, p. 29-39.

JOFFILY, Irinêo. **Notas sobre a Parahyba.** Brasília: Thesaurus. 1892.

LIMA, Rosilene Silva A. de. BURITI, Catarina de Oliveira. BEZERRA, Hallyson Alves. PATRÍCIO, Maria da Conceição Marcelino. Abastecimento de água em

Campina Grande (PB): um panorama histórico. In: **Campina Grande hoje e amanhã/** Antônio Guedes Rangel Junior; Cidoval Morais de Souza. – Campina Grande: EDUEPB, 2013, P. 15-28.

PEREIRA, Sidclay Cordeiro. **Caminho na Resistência:** o espaço do Recife durante a ocupação Neerlandesa (1630-1637) em Pernambuco (Brasil). Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós Graduação em Geografia. Recife, 2006.

QUEIROZ, Marcus Vinicius Dantas de. **Quem te vê não te não conhece mais:** Arquitetura e cidade Campina Grande em transformação (1930-1950). Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo. Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos. São Paulo, 2008.

SILVA, L. M. T. **Trajetórias pela Geografia Histórica. IN:** BEZERRA, Amélia Cristina Alves et all (orgs) Itinerários Geográficos. Niterói: Eduff, 2007. P. 71-84.

Blog: Retalhos Históricos de Campina Grande. Disponível em: <
<http://cgretalhos.blogspot.com.br/>>